

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ♦ EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES ♦ OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEF. 254 ♦ LISBOA - TELEF. 361839 ♦ FARO - TELEF. 875 ♦ AVULSO 1950

E DE QUEM É A CULPA, SENHOR CONGRESSISTA?!

NO Congresso de Turismo ultimamente realizado um dos srs. congressistas lamentou que o medíocre apetrechamento hoteleiro do Algarve não estivesse ainda a altura de justificar a existência do Aeroporto, não dando margem sequer a uma frequência diária de operação aérea.

Plenamente de acordo! Mas ocorre perguntar — de quem é a culpa? Por certo não se vai atribuir à iniciativa particular. E não, porque no que respeita por exemplo à estância de Monte Gordo, singulares embarços impedem o seu apetrechamento hoteleiro. Ainda a semana passada teve que ser suspensa a praça de um terreno para um hotel, que tinha vários concorrentes, pelo facto de quase à última hora um organismo oficial discordar do parecer de outro organismo do Ministério das Obras Públicas, facto que podemos considerar insólito e impeditivo do apetrechamento hoteleiro do Algarve.

Outra: há mais de um ano que se arrasta o pedido de cedência de terrenos, por parte das Matas Nacionais, para a construção de um grande hotel de uma empresa luso-alemã em Monte Gordo. Já não se sabe que voltas se não-de dar para resolver o problema e o património hoteleiro do Algarve arrisca-se a ficar desfalcado de uma unidade que, pelo que sabemos, seria das melhores do País.

Outros factos semelhantes poderíamos apontar mas parece-nos que estes dois chegam para documentar e esclarecer o sr. congressista acerca dos estranhos embarços que se levantam ao progresso turístico da nossa Província. Averigüe-se quem são os responsáveis pelo que se está a passar, com evidente dano para o turismo português — e depois fale-se!

MOLHE PESQUEIRO DE AIAMONTE

Por intermédio da Radio Aiamonte tivemos conhecimento de que vai brevemente à praça a obra do molhe de pesca da simpática e amiga cidade de Aiamonte, importando a obra em mais de 11 milhões de pesetas.

Trata-se de um melhoramento importante, integrado no conjunto de valorização do Guadiana e seus portos e barra, pelo que nos congratulamos com o facto, felicitando os vizinhos aiamontinos.

PLANOS DE ACTIVIDADE

No de Mértola ocupam lugar de primazia as estradas e caminhos

SOB a presidência do sr. Eduardo José Raposo, presidente da Câmara Municipal, reuniu-se o conselho municipal de Mértola para apreciar o plano de actividade do Município para o próximo ano.

No respectivo relatório apontam-se os factos mais salientes da actividade municipal de modo a elucidar os municípios. Assim, no que respeita à assistência, informa-se que foram despendidos até fins de Agosto 142.681\$30, em tratamentos e internamentos de doentes, esclarecendo-se: «Já lá vão dois anos que o ministro das Corporações e Previdência Social anunciou ao País o alargamento da assistência dos beneficiários das Caixas de Previdência aos seus familiares. Com a publicação do decreto-lei n.º 45.266, de 23 de Setembro de 1963, todas as Câmaras do País se congratularam.»

O GOVERNO TERÁ QUE INTERVIR NO ABASTECIMENTO DA POPULAÇÃO DO ALGARVE

JÁ referimos as dificuldades de abastecimento de géneros que se verificam no Algarve, particularmente nos meses de maior afluência de turistas, dificuldades essas que criam problemas insolvíveis às populações, os quais vão agravando-se à medida que progride o turismo. Também já sugerimos as medidas que, em nosso entender, deviam ser tomadas, pontos de vista que mantemos e cuja execução aconselhamos, para bem do consumidor e até para tranquilidade pública.

Em reforço das nossas opiniões, acabamos de receber de um nosso comprouviano residente em Lisboa uma carta em que, apoiando o que se disse no Jornal do Algarve, formula as sensatas considerações que pasamos a transcrever:

Ora o Governo que tanto tem lucrado — DIVISAS FORTES — com o turismo do Algarve tem por obrigação olhar para este aspecto capital do custo dos alimentos essenciais na nossa provincia, e se digo obrigação é porque é legítimo que quem beneficia ajude todos (Conclui na última página)

Palavras do sr. ministro das Obras Públicas que arquivamos com prazer

NA inauguração do último troço dos aproveitamentos hidroeléctricos do Douro a que assistiram, como se sabe, os Chefes do Estado dos dois países peninsulares, o sr. ministro das Obras Públicas (Conclui na última página)

Os problemas do turismo algarvio foram objecto de uma comunicação do presidente da Comissão de Turismo da Casa do Algarve

NO Congresso Nacional de Turismo, ultimamente realizado, o Algarve foi objecto de várias comunicações, uma das quais do nosso colaborador sr. Hermenegildo Neves Franco que se ocupou do «Problema turístico do Algarve na hora presente». Insurgiu-se o autor contra o desaforo das transacções de terrenos e ocupou-se do problema alimentar da nossa Província, propondo que se estimule a horticultura de molde a satisfazer as exigências da nova hotelaria; se melhora e selecione a vasta gama dos frutos; se desenvolva a avicul-

CRISE

TEREMOS sido em algum tempo aquilo a que, com inteira propriedade, se pode chamar um país agrícola? Caracterizou-se já a nossa gente, em qualquer época, por um sentido consciente do que é a exploração do campo, em todas as potencialidades que ele nos oferece? A quem cabe a responsabilidade dos inúmeros erros que se têm cometido, na nossa terra, no que concerne à escolha das regiões tidas como «mais apropriadas» para esta ou aquela cultura, para esta ou aquela espécie?

Eis algumas das perguntas que instintivamente nos surgem perante o panorama desolador que nos oferece a lavoura, numa fase crítica que vem de há não sabemos quantos anos. Toda a gente se queixa, desde os grandes aos pequenos lavradores. A mão de obra está cada vez mais cara e os produtos sofrem assustadora desvalorização, como é o caso da amêndoa. As oliveiras este ano foram menos pródigas, ao que parece, sendo natural que venha a escassear o azeite. As contribuições continuam a constituir um problema, origem de outros problemas para muitos e base de desorientação para quase todos.

Apetece-nos perguntar quem se salva no meio desta confusão toda. Como nas casas em que não há pão, também na lavoura todos se queixam mas, ao contrário do que diz o aforismo, neste caso quase toda a gente tem razão. Resta-nos a esperança de continuar a viver de esperanças — o que, como se sabe, não dá de comer a ninguém nem resolve nada.



Os londrinos, aliás os londrinas, que têm frio e que não dispõem de recursos ou de tempo para hibernar no Algarve acataram com grande alvoroço esta sugestão de Edward Mann para o próximo inverno. Modelos inspirados nos primeiros tempos da aviação civil, eles protegem do frio e da chuva.

A TENSÃO TURÍSTICA DESCEU E O ALGARVE VIVE AGORA MOMENTOS DE QUIETAÇÃO E REVIGORAMENTO

por TORQUATO DA LUZ

OUTUBRO, que é talvez para o Algarve o mês de mais amena temperatura, vive agora as suas últimas horas. Foi, paradoxalmente, um mês primaveril, a despeito de ser a antecâmara do Inverno. Na nossa Província, poucos dias bastaram para alterar a fisionomia alacre e viva que a caracteriza nos meses de Agosto e Setembro. Pelo que dizem as estatísticas, este Verão, foi, até agora, o que trouxe mais estrangeiros ao País, acrescentando-se ainda que foi aqui que, por unidade, o turista deixou mais dinheiro. Conclui-se imediatamente que a nossa terra está a ser, de momento, a preferida pelos turistas de maiores possibilidades económicas, aspecto que não pode deixar de ser considerado, atendendo a que, deste modo, fomos este ano mais felizes que certos países tradicionalmente considerados «turísticos», como a França e a Itália.

A propósito, é oportuno dar conhecimento aos nossos leitores do facto de os agentes de viagens nor-

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

(Conclui na 6.ª página)

TALVEZ NÃO PASSE DE IGNORÂNCIA!

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO é, como toda a gente ligada ao mar sabe, o segundo porto de pesca do Algarve, figurando como primeiro centro piscatório Portimão. Pois isto, que toda a gente sabe, ignora-o o «Jornal do Pescador» e exhibe a sua ignorância nos seguintes termos: «Apesar de piscatoriamente falando, Vila Real de Santo António, pouco valer, pois nela quase não existem pescadores e a maioria dos habitantes locais que o são emigram para outros portos, principalmente Matosinhos, Espinho e Nazaré, muito se faz no aspecto assistencial naquele belo rincão da costa algarvia, terra maravilhosa onde umas férias serão sempre um belo e agradável prazer.»

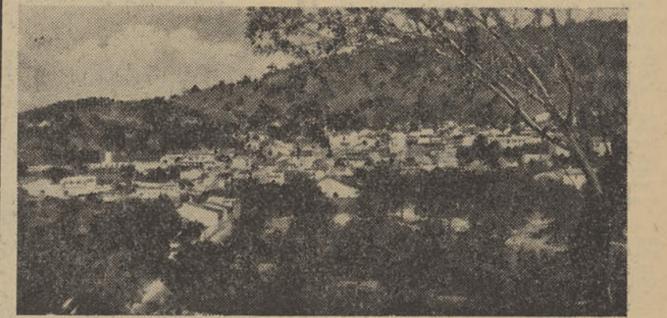
Para esclarecer a ignorância do autor do escrito, informamo-lo que presentemente estão inscritos na Capitania do Porto de Vila Real de Santo António aproximadamente 800 pescadores dos quais 528 exercem a sua actividade nas traineiras e que o rendimento do pescado este ano e até ao dia 27 do corrente atingiu a soma de 50.225 contos. Acrescentamos que, talvez também por motivo de ignorância, não tem Casa de Pescadores. E lamentamos que numa publicação com carácter oficioso se deem passar deslizes que comprometam a seriedade de tal publicação.

A afitiva falta de telefones em Vila Real de Santo António - Monte Gordo

ULTIMAMENTE, cremos que por deficiências de carácter técnico, não têm sido atendidos os pedidos de telefones de Vila Real de Santo António-Monte Gordo, o que está a causar sérios prejuízos, especialmente aos hotéis. Assim o Hotel dos Navegadores, que precisa de cinco telefones, tem apenas um e igualmente apenas de um dispõe a Residência Catavento.

CROMOS ALGARVIOS ALTE

por JOÃO LEAL



Vista geral da bonita aldeia de Alte

OS que alguma vez tiveram o grato ensejo de visitar essa pérola incrustada em plena serra algarvia, que é Alte não-de guardar perenemente uma recordação indelével de um dos mais belos recantos com que Deus e os homens fadaram o fascinante Algarve. E se é certo que a mãe-Natureza obrou ali prodígios de encantos e rara sugestividade, também não é menos exacto que o amor e dedicação dos alenses produziu, aproveitando a dádiva divina, um conjunto de benefícios e embelezamentos, que ditam não só ser Alte uma das «mais portuguesas aldeias de Portugal», como um quadro de nível supra-terreno, digno de ficar em antologia viva das coisas belas da Terra. No ar paira uma melodia inebriante pelo sossego e sensações que despertam naquele átomo de poeta que todo o homem em si alberga. Daqui

ALTE... A saúde é a maior riqueza... ALARME CONTRA A SÍFILIS... LOTARIAS E TOTOBOLA CAMPIÃO SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL



Imagens da Cidade

AINDA pairam no ar os acordes da sinfonia da feira! Despertam, como um punhado de estrelas lançado ao rosto, recordações e sugestões que originam divagações sobre o que é a feira do mundo e o mundo da feira. Cremos estar em presença não só de um fenómeno que os economistas têm incluído, com classificações mais ou menos capitulares, nos seus compêndios, como um aspecto da sociologia mundial, que ainda não foi convenientemente enquadrado — o que mais importa — aprofundado. Ao revermos, numa rápida curta-metragem mental, o que foi a Feira de Santa Iria, mais e mais se fortifica em nós a ideia de que podemos dispor de um certame, que com características próprias e definidas, será elemento de excepcional importância para a cidade!

Tem sido causa de acerbos comentários e de sérios aborrecimentos o facto de haver sido retirado o sinaleiro que prestava serviço frente à Caixa Geral de Depósitos. O trânsito que ali se verifica e os perigos que um cruzamento sempre comporta justificavam a sua acção disciplinadora e orientadora do tráfego. Daqui que haja constituído motivo de interrogação para todos a sua ausência, pelo que se impõe a entrada em serviço do prestimoso e útil sinaleiro, colocado no encontro da Rua D. Francisco Gomes com a Praça da mesma invocação.

Monte Negro — porta aberta do Algarve ao mundo, zona onde há alguns anos o farese se deslocava quando queria passear «fora de portas» hoje engloba um considerável número de fogos, constituindo um perfeito aglomerado populacional. Parece que a cidade lançou seu pólen fecundante à distância e foi cair ali. Mas a sua importância que em breve será maior com a entrada em funcionamento do Aeroporto de Faro, concretizar-se-á quando certas peças burocráticas ruírem e o burgo possa desenvolver-se com o manancial de possibilidades que em si alberga. Mas hoje falamos do Monte Negro em «Crónica de Faro» para apontar às autoridades a necessidade imperiosa que representa acabar de pronto com uma montureira que se formou perto da bica. A saúde pública, além de outras razões poderosas, é elemento mais do que justificativo para pôr fim a tal estrumeira e impedir que de futuro se consinta ao menos no seu aparecimento!

Autêntica escola de velejadores, donde têm saído e onde se formaram muitos dos actuais valores da vela algarvia, o Centro de Vela da M. P. tem desenvolvido uma obra digna de menção e apreço. Flúis ao lema de «uma alma sã num corpo sã» inculca-se assim o saber das coisas da vela desportiva aos jovens deste país de marinheiros.

Mas, a despeito de o posto náutico ter sido construído há alguns anos, observa-se a existência de duas lacunas:

ALCANTARILHA AGRADecIMENTO

Joaquim Carlos Patrício

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente por desconhecimento de moradas, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer forma manifestaram o seu pesar.

Revista Técnica Automóvel

Órgão esclarecedor e actualizado do técnico e do automobilista, esta revista inclui no último número o estudo de um dos modelos já montados em Portugal «Ford Cortina 1200-1500» e ainda o problema da travagem e «Através do Mundo».

Clinica Cirúrgica de Loulé (CASA DE SAÚDE)

Av. José da Costa Mealha
Telef. 380 LOULÉ

DIRECTOR CLÍNICO:
Dr. Manuel Soares Cabeçadas
Cirurgia Geral

Dr. Diamantino D. Baltazar
Cirurgia dos Rins e Vias Urinárias
Consultas: 1.º Sábado de cada mês

LISBOA: Telefones { Consultório 736209
Residência 935257

Dr. Armando Granadeiro
Ouvidos, Nariz e Garganta
Consultas: 2.º Sábado de cada mês

LISBOA: Telefones { Consultório 323156
Residência 684579

NOTÍCIAS PESSOAIS

D. Idalécia Cabrita Costa

Deu-nos o prazer de visitar a nossa Redacção a nossa prezada e distinta colaboradora, sr.ª D. Idalécia Cabrita Costa, de Algos.

Partidas e chegadas

Esteve em Vila Real de Santo António, com curta demora, acompanhado de familiares, o nosso comprouviciano sr. Emílio Costa, importante comerciante em Lisboa.

Com sua esposa e em gozo de licença, encontra-se em casa de seus pais, na Fuseta, o sr. dr. Francisco de Jesus Romão do Nascimento, oficial-médico em serviço na Guiné.

Fizou residência em Vila Real de Santo António, o sr. José Trindade do Carmo Rocha, nosso assinante em Albufeira.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, em gozo de férias, o nosso assinante na Parede, sr. Luís Fernando Salvador Garcia.

Esteve alguns dias no Algarve e no sul de Espanha, com pessoas de sua família, a nossa comprouviciano e assinante em Lisboa, sr.ª dr.ª Ofélia de Mendonça Azinheira, professora do ensino liceal.

Casamentos

Na igreja de Quintos (Beja) celebrou-se o casamento da sr.ª D. Isabel Maria Leal Palma, gentil filha da sr.ª D. Maria Margarida Leal Palma e do sr. João Rosa Palma, com o sr. João Manuel Abecasis Correa, funcionário da Standard Eléctrica, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Lecoq Abecasis Correa e do sr. Manuel Cumbreira Correa. Serviram de padrinhos os pais dos noivos.

Após a cerimónia, realizou-se um fino copo-d'água na propriedade dos pais da noiva. Os noivos que seguiram em viagem de núpcias para Espanha, já se encontram em Lisboa, onde fixaram residência.

Celebrou-se na igreja de Alcoutim, o casamento da sr.ª D. Ludovina Maria Martins, filha do sr. Manuel Silvestre, proprietário e da sr.ª D. Ludovina Francisca Rodrigues, residentes em Cortes Pereira, com o sr. Manuel Francisco Pereira, 2.º sargento do Exército, filho do sr. João Francisco Marques, proprietário, e da sr.ª D. Almerinda Maria, também residentes em Cortes Pereira.

Testemunharam o acto por parte da noiva, as sr.ªs D. Maria Augusta Caimato Amaral, por procuração, e D. Maria José Rodrigues; e por parte do noivo os sr.ªs João Baptista Nunes e Casimiro Francisco Afonso.

Após a cerimónia, foi servido um copo-d'água aos convidados em casa

dos pais da noiva. O novo casal seguiu em viagem de núpcias, ficando residência em Tavira.

Gente nova

Em Vila Real de Santo António deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Margarida Salas Bandedeira Luis, esposa do sr. José do Brito Luis, impressor na Empresa Litográfica do Sul, Lda., e nosso prezado amigo.

Baptizado

Na Sé de Faro e em ambiente íntimo, efectuou-se o baptismo da menina Maria dos Anjos, filha da sr.ª D. Rosália Rodrigues Borrero Viegas e do nosso companheiro de trabalho António da Encarnação Viegas. Foram padrinhos a sr.ª D. Ana Ascensão Lopes Baptista Barão e seu marido, o nosso director. Presidiu ao acto o rev. dr. Clementino de Brito Pinto, amigo da família.

Docente

Foi submetido a uma intervenção cirúrgica no Hospital dos Capuchos, em Lisboa, a qual decorreu com felicidade, o nosso assinante sr. Dorilo Juízo de Seruca Índcio.

Barraca dos bichos na feira de Santa Iria

Pede-nos a Delegação da Cruz Vermelha que avisemos os possuidores dos bilhetes n.º 310 — série 30 (3.º prémio); 221 — série 31 (1.º prémio); 446 e 441 — série 32 (2.º e 3.º prémios); 329 — série 33 (3.º prémio) e n.º 160 do sorteio do leiteiro, que devem mandar proceder ao levantamento dos bichos, até ao próximo dia 5 de Novembro, no edifício Letes, Faro, daquela delegação.

O comboio do correio continua a chegar atrasado

Com grande prejuizo dos alunos da Escola Técnica, de funcionários públicos, professores e outras pessoas que têm a sua vida profissional em Vila Real de Santo António e residem nas localidades situadas entre a referida vila e Faro, continua a chegar a Vila Real de Santo António com grande atraso o comboio do correio. Alguns alunos daquela escola estão em risco de perder o ano por faltas.

Não terá a C. P. possibilidades de integrar o comboio no respectivo horário?

Não será legítimo os lesados por tão mau serviço exigirem a quem tão mal os serve uma indemnização por perdas e danos?

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Albufeira — João de Veiga.

Dr. Júlio Sancho

MÉDICO RADIOLOGISTA

DIAGNÓSTICO - ROENTGENTERÁPIA

Rua Castilho, 37-I. — FARO

Telefons 368

FÁBRICA DE CONSERVAS

Em Vila Real de Santo António, arrenda-se. Aceitam-se propostas. Respostas ao n.º 5.149.

ELECTRÓNICA MARÍTIMA CENTRAL DO ALGARVE, L. DA

Av. da República 62-A
OLHÃO

Telef. 449

Rádiatelefonos — Radiogoniómetros — Pilotos Automáticos — Sondas Registradoras — Sondas Indicadoras — Wadars — Lorans — Receptores — Antenas Verticais

Assistência técnica a toda a aparelhagem electrónica de bordo

SONDAS FURUNO, SIMRAD E BENDIX — RÁDIOTELEFONES BENDIX

Agentes no Algarve de Sociedade de Reparação de Navios, Sociedade Oceânica do Sul e A. Assunção & Coelho (equipamentos náuticos)

LOTAS DO ALGARVE

Vila Real de Santo António	Olhão
DE 22 A 28 DE OUTUBRO	TRAIINEIRAS:
NOVA LIBERTA 534.765\$00	Conserveira 86.800\$00
Rainha do Sul 472.805\$00	Estrela do Sul 80.800\$00
Audaz 455.597\$00	Nova Sr.ª da Piedade 72.020\$00
Maria Rosa 416.000\$00	Mirita 65.760\$00
Norte 412.968\$00	Senhora do Cais 62.220\$00
Raulito 337.245\$00	Lola 62.140\$00
Flor do Sul 322.705\$00	Palmeta 58.950\$00
Conserveira 315.720\$00	Pérola Algarvia 44.270\$00
Infante 304.083\$00	Bom Vento 42.920\$00
Brisa 296.503\$00	Anjo da Guarda 42.240\$00
Agadão 282.563\$00	Alvarito 42.115\$00
Triunfante 280.943\$00	Vandinha 39.860\$00
Lurdinhas 207.580\$00	Salvadora 38.330\$00
Fernando José 169.920\$00	Costa Azul 38.000\$00
Refrega 83.800\$00	Dulce Maria 34.360\$00
Nova Clarinha 81.000\$00	São Paulo 34.345\$00
Mirita 77.850\$00	Neptúnia 33.665\$00
Flor do Guadiana 29.163\$00	Sete Estrelas 33.370\$00
Diamante 24.130\$00	Nova Clarinha 32.050\$00
Salvadora 16.251\$00	Nave 29.570\$00
Leãozinho 13.461\$00	Maria Benedito 27.940\$00
Vulcânia 12.819\$00	Biscaia 26.700\$00
Neptúnia 8.282\$00	Pérola do Arade 26.560\$00
Vandinha 4.600\$00	Praia Vitória 22.745\$00
Flor do Pilar 3.400\$00	Noroeste 16.880\$00
Costa Azul 3.150\$00	Belmonte 16.170\$00
S. Flávio 3.100\$00	Leãozinho 15.770\$00
Lola 2.855\$00	Ponta do Lador 14.620\$00
Palmeta 2.600\$00	Flor do Arade 14.300\$00
Brisamar 2.400\$00	Oeste 10.920\$00
Briosa 1.900\$00	Lestia 9.270\$00
Pérola do Arade 1.677\$00	Pérola de Lagos 8.620\$00
Flor do Pilar 1.527\$00	Brisamar 8.460\$00
Costa Azul 340\$00	Farihão 8.210\$00
Sete Estrelas 267\$00	S. Flávio 7.670\$00
Alvarito 167\$00	Flor do Guadiana 7.370\$00
Total 5.721.021\$00	Briosa 6.635\$00

Quarteira	Portimão
TRAIINEIRAS:	TRAIINEIRAS:
Ponta do Lador 1.655\$00	Portugal 5.º 79.250\$00
Praia da Vitória 1.527\$00	Anjo da Guarda 41.300\$00
Flora 1.188\$00	Oca 34.850\$00
Belmonte 561\$00	Portugal 1.º 38.500\$00
Briosa 180\$00	Lena 32.650\$00
Artes diversas 136.968\$00	Fóia 32.270\$00
Total 142.078\$00	Ponta do Lador 30.870\$00

Lagos	Total
TRAIINEIRAS:	606.540\$00
Marisabel 46.670\$00	
Baia de Lagos 45.310\$00	
Costa de Oiro 38.830\$00	
Donzela 30.600\$00	
Sr.ª da Encarnação 23.900\$00	
N. Sr.ª da Graça 21.880\$00	
Milita 21.640\$00	
Virgem te Guie 19.640\$00	
Gracinha 16.130\$00	
Brisamar 13.400\$00	
Olimpia Sérgio 14.410\$00	
Vulcânia 11.900\$00	
Sagres 3.660\$00	
N. Sr.ª da Pompeia 920\$00	
Pérola de Lagos 920\$00	
Total 325.390\$00	

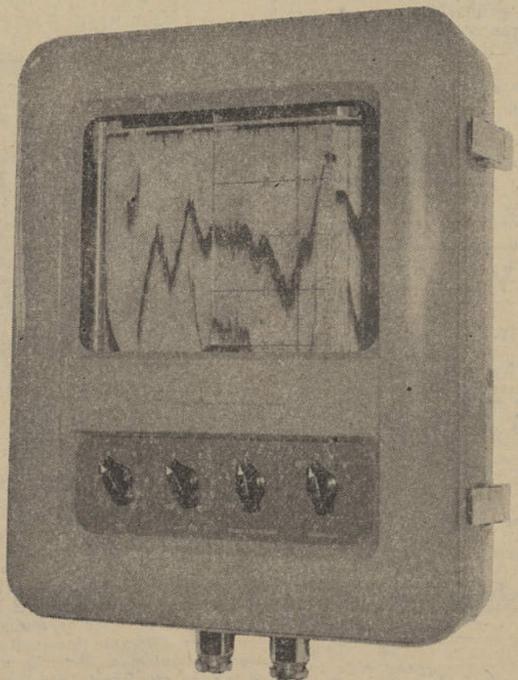
FURUNO

NOVA SONDA ELECTRÓNICA «F-850»

PARA A PESCA DA SARDINHA

MAIOR AVANÇO TÉCNICO • MAIOR ROBUSTEZ • MELHOR QUALIDADE

300 SONDAS «FURUNO» INSTALADAS EM BARCOS PORTUGUESES



MAIOR AVANÇO TÉCNICO • MAIOR ROBUSTEZ • MELHOR QUALIDADE

300 SONDAS «FURUNO» INSTALADAS EM BARCOS PORTUGUESES

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

Soc. de Reparações de Navios, Lda.

GINJAL, 33 — CACILHAS • TELEFS. 271081/2/3/4

AGENTES NO ALGARVE:

ELECTRÓNICA MARÍTIMA CENTRAL DO ALGARVE, L. DA.

Av. da República, N.º 62-A • Rua D. Carlos I, N.º 114

OLHÃO PORTIMÃO

Ainda está muda a sereia da Casa da Lota

Até à hora de fecharmos o jornal não foram tomadas quaisquer providências para repor em funcionamento a sereia da casa da lota de Vila Real de Santo António. Os prejuizos são evidentes e não podemos deixar de lamentar o facto.

ÓCIOS de um Espírito Sonolento

Digam-me — se o sabem — onde a filha de Maria capaz de imitar a irmã de Lázaro e Marta, a Madalena arrependida, que banhou, no caudal das suas lágrimas, e enzugou, com a onda desafectada dos seus cabelos, os pés de Cristo. As Marias e Madalenas de hoje, cujos cabelos já não são mais cabelêiras, quando choram, as lágrimas vão aos namorados ou se inspiram em motivos fúteis como elas.

*** As pessoas apaixonadas ouvem com os ouvidos, mas escutam com os olhos. São estes que encaminham o amor ou o desejo, que usa aquele nome, ao coração.

*** Não há quem não queira a mulher e a flor no vício da sua existência e todos as desquerem quando estão murchas.

*** A mulher que se governa pela cabeça é tão leviana como aquela a quem o coração inspira. A diferença é que esta sucumbe mais depressa.

*** Se queres, na velhice, fugir, mo-

(Conclui na 11.ª página)

Loulé... em retrato

O PROBLEMA n.º 1 de Loulé, no momento, é indiscutivelmente, o desmembramento de uma parte da Quinta do Pombo, adquirida por uma vercação da presidência do grande louletano que foi José da Costa Guerreiro, para instalação do edifício da Escola Comercial e Industrial de Loulé.

Todos concordam que é premente e inadiável a construção do edifício, dado que as actuais instalações onde funciona este precioso estabelecimento de ensino, não reúnem quaisquer condições pedagógicas, de comodidade e segurança quer para o corpo docente quer para o corpo discente.

Mas o que ainda não encontramos foi alguém que concordasse com a compra da área da Quinta destinada a Parque da Vila, para ocorrer a essa implantação.

E isto porque, se como se diz, é desejo da Câmara adquirir terreno para recompensar a área subtraída ao Parque, sugere imediatamente a venda do terreno para a Escola e se respectiva tudo o que está projectado e programado.

Dá a ideia que o fito em vista é o da destruição ou anulação total do projecto do Parque, reservando para um futuro que se não antolha quando será, a difícil compra de terreno para a instalação do edifício escolar.

Mas, por outro lado e no plano de actividades para 1965, promete-se que o Parque — há largos anos abandonado e totalmente desprezado — vai ser beneficiado com a instalação de águas e um sistema de rega por aspersão, que parece em descordo, com a ideia da sua incapacitação para Parque.

Claro que o problema visto desapaixonadamente e com serenidade, tem ângulos a que dificilmente se poderá dar uma solução lógica e um deles é o do Parque ter todas as ruas pavimentadas com calçada e a demarcação, esgotos ligados e tudo preparado de harmonia com o projecto inicial e todo esse dispendio ser dado por inútil porque, com a implantação da escola, é impossível respeitar a distribuição dos elementos que constituem o projecto inicial e já aprovado. Não se trata de apontar o erro de desmanchar o que está feito e tanto dinheiro custou do erário municipal, para ter que ir fazer o mesmo noutro lado.

Vejamos agora o que se pensa do outro lado e para isso recorramos aos «Postais Louletanos da autoria do sr. M. G. que acusa estas críticas e o magnífico editorial de «A Voz de Loulé» de crítica de «cunho pessoal ou de class».

Que clan será este que abrange a quase totalidade dos louletanos, dos mais diferentes sectores? Se, evidentemente, pusermos o problema com simplicidade primária e ausência de pormenores, a qualquer pessoa e apenas no sentido de qual interessa mais se uma Escola Industrial e Comercial ou um Parque de recreio, evidentemente, que até nós responderíamos: antes a Escola.

Mas, se usarmos da clareza e sinceridade que é devida por quem administra a coisa pública, a quem é administrado, se quisermos debater um problema com lógica e raciocínio, teremos que desenvolver as premissas do problema, Assina a reportagem fotográfica Parrel Grehan e a parte literária Mary Leathree.

O ALGARVE VISTO PELA LIFE

Na edição norte-americana da LIFE de 23 deste mês, foi publicado um vasto artigo de 11 páginas, valorizado com 20 fotografias coloridas, realçando algumas panorâmicas de Olhão, Albufeira, Ferragudo, Quarteira, Portimão, Praia da Rocha, praia de Dona Ana e um interior do Café Barute (Albufeira), Assina a reportagem fotográfica Parrel Grehan e a parte literária Mary Leathree.

«Terra de dias claros e de noites tranquilas», eis um dos sugestivos títulos, que acompanha uma bela panorâmica a cores, de Olhão.

O pormenor da reportagem chega ao ponto de se referir a um antigo «rum runner» que presentemente vive em Olhão, conhecido pelo nome de Captain Many Zora, que desde a sua chegada dedica a maior parte do seu tempo, a ajudar desinteressadamente quer como intérprete ou cicarone, todos os turistas que falam inglês.

A referência feita ao custo de vida, leva-nos a afirmar, que vir ao Algarve é a viagem turística mais barata, que se pode fazer na Europa.

Enaltece-se o serviço hoteleiro e fala-se do aeroporto de Faro, que virá a trazer um afluxo turístico de Lisboa e Madrid, no próximo ano.

Fazendo lembrar que a revista LIFE tem uma tiragem de milhões de exemplares, semanalmente distribuídos por quase todo o mundo, podemos concluir sobre a importância deste artigo, no que se refere às possibilidades turísticas do Algarve.

Nada ganhamos em responder com espírito de retaliação, enfiados na vaidade de sermos juizes em causa própria e pretendendo ferir ou atingir pessoalmente as pessoas que agitam estes problemas.

Responder à crítica com a palmatória, agitar problemas de comparações de inteligências, ou atribuir outras intenções ou jago ou finta de class, não adianta nem eslozece, apesar de ser já costume velho apelar os nossos escritos de tendenciosos, despeitados ou evadidos de maldade, como se nós tivéssemos algumas ambições de mando ou interesse materiais a defender.

Sempre supusemos que as gerações a seguir à nossa viessem mais tolerantes, mais compreensivas, mais conciliatórias e custa-nos verificar que, afinal, o sistema é o da velha fábula do lobo com o cordeiro.

Não criticamos pessoas, mas actos e vamos sentindo cada vez mais que aqueles defeitos e vícios que nos apontam e que, por princípio não cometemos, bem poderiam ser poupados à apreciação dos que, de boa vontade sentem e vivem os problemas locais, em troca de umas mais claras e lógicas argumentações.

REPORTER X

Notariado Português Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

A cargo da Notária, Lic. Jerónima do Carmo Godinho Vinagre

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de dezanove de Setembro de mil novecentos e sessenta e quatro, lavrada de folhas dezanove verso a folhas vinte verso do livro de escrituras diversas número vinte e dois deste Cartório, foi aumentado o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Vila Real de Santo António «Sociedade de Representações Industriais Sot Algarve, Limitada», constituída por escritura de dezasseis de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e oito, lavrada nas notas deste Cartório Notarial, de quinze mil escudos para trezentos mil escudos, e, conseqüentemente, alterado o corpo do artigo terceiro do respectivo pacto social, que passa a ter a seguinte redacção:

Artigo terceiro

O capital social é de trezentos mil escudos, dividido em três quotas de cem mil escudos cada uma, subscritas, cada uma delas, por cada um dos três sócios, achando-se as respectivas entradas já efectuadas.

É quanto me cumpre certificar em face do verbalmente pedido, reportando-me à citada escritura em caso de dúvida, declarando que nela nada consta que altere, prejudique ou modifique o certificado.

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, vinte e três de Outubro de mil novecentos e sessenta e quatro.

O Ajudante,

MANUEL CLEMENTE

HAVAS

no lar e na indústria

tudo mais fácil e económico com moltopren®



Com estofos de espuma moltopren® o seu mobiliário é moderno, distinto e mais confortável.

espuma moltopren® para:

- ESTOFOS DE MOBILIÁRIO OU AUTOMÓVEIS - ALMOFADAS
- TAPEÇARIAS-EMBALAGENS
- REVESTIMENTOS
- ISOLAMENTOS - VESTUÁRIO

- SAPATARIA E MALAS
- ARTIGOS DOMÉSTICOS
- INDÚSTRIA DE TINTAS
- COLCHÕES DE PRAIA E CAMPISMO, USOS DIVERSOS.

ESPUMA moltopren®



UM PRODUTO

Sundlete

SOC. INDUSTRIAL DE PLÁSTICOS - S. MAMEDE DE INFESTA
TELEF. 90 09 33 - 90 11 31 - 90 11 87

EM LISBOA: RUA PASSOS MANUEL, 99-C - TELEF. 53 86 20 - 5 61 09

Agente no Algarve: João Uva Sancho, Lda.

Avenida 5 de Outubro, 62
Telefone 101 OLHÃO

IMPRENSA «Notícias da Amadora»

Completou seis anos de publicação o nosso prezado colega «Notícias da Amadora», competentemente dirigido pelo sr. Domingos Janeiro, a quem apresentamos a expressão da nossa camaradagem e estima.

PALHA

De trigo avariada, vende-se.

Tel. 263 - Vila Real de Santo António.

Ostras portuguesas no povoamento do Mar do Norte

por ERNESTO FISCHER

BREMEN — Desde o Verão deste ano, a costa do Mar do Norte tem centenas de milhares de hóspedes estrangeiros: 300.000 ostras portuguesas foram escolhidas para elevar a capacidade da criação de ostras na região das marismas da Frísia Oriental. Pretende-se estudar por esta experiência em grande escala se a transferência pode ser economicamente rendosa.

As ostras do Mar do Norte, que pertencem a uma espécie semelhante às ostras portuguesas, desapareceram quase por completo das costas da Frísia Oriental. A pesca excessiva durante o século passado e no primeiro quartel do nosso século dizimou quase por completo os bancos de ostras. As tentativas de transplantação sofreram os mais duros reveses nos Invernos frios, no qual as marismas gelaram.

Há cerca de três anos fez-se a primeira experiência com ostras portuguesas, aliás em pequena escala. O resultado foi excelente. Verificou-se que as ostras importadas aumentaram de peso, em cinco meses, de 250 por cento do seu peso original. A qualidade, ou seja a estrutura da carne, o gosto e a cor, das ostras transplantadas é excelente segundo declarações de peritos alemães e franceses.

Ao contrário do que se deu com a primeira remessa em 1961 a remessa de 15 toneladas foi transportada de Lisboa para o Mar do Norte em vagões frigoríficos. Na primeira experiência, na qual se dera a preferência ao transporte por via marítima, surgira o grande perigo de as ostras secarem. Não se colocaram as ostras do segundo transporte nos bancos mas em tanques flutuantes. Encontram-se, portanto, em água fresca, constantemente em movimento. Na opinião dos peritos esta «engorda» sistemática é a única possibilidade de elevar a capacidade de produção de ostras das marismas do Mar do Norte.

Tencionava-se verificar este ano se as ostras portuguesas se dariam melhor nas águas da Frísia Oriental do que as

ostras de proveniência holandesa. As ostras holandesas transplantadas morreram quase todas no Inverno de 1962 e 1963, de maneira que será necessário proceder a novas transplantações para estabelecer comparações com as ostras portuguesas. É provável que as ostras portuguesas se mantenham melhor no novo ambiente. Verificou-se, por exemplo, na transplantação de carpas que os peixes provenientes de águas mais quentes se desenvolveram melhor nas águas setentrionais do que as carpas de países de clima semelhante. É, portanto, bastante provável que as ostras portuguesas se mostrem superiores às suas parentes holandesas.

O Algarve esteve presente no VII Jamboree Internacional do Ar

Realizou-se, há dias, o VII Jamboree Internacional do Ar, festa anual de todos os escutas e escuteiros do mundo, e que consiste, essencialmente, em trocar mensagens, saudações e votos de prosperidade através das estações de rádio particulares (estações de radiomador).

Como competia, o Algarve encontrou-se representado através das estações CTIBN e CTI2N. Esta última operou na sede da Associação de Escuteiros portugueses n.º 6, em Olhão sendo conseqüido comunicados com Marrocos, Marrocos Espanhol, Espanha, Itália e Inglaterra.

Outro país contactado e para nós o mais importante foi Portugal. Lisboa e Entrocamento puderam assim saudar os seus colegas algarvios e estes, retribuindo e agradecendo, puderam marcar uma presença real e efectiva da nossa querida Província. Esperamos no próximo ano alargar a representação portuguesa a outras cidades e vilas algarvias.

TROVOADAS NÃO HESITE!

Defenda o seu prédio instalando Para-raios tipo Franklin ou Rádioactivos de grande alcance.

Dirigir à Casa mais antiga do Sul do País. Instalações de confiança, máxima seriedade e pessoal competente. Dirigir ao seu proprietário, H. VALENTE, Telefone 21 — OURIQUE.

Facilite pagamento. Orçamento grátis.

Lanifícios de pura lã

COMPLETO SORTIDO DE FAZENDAS PARA FATOS — SOBRETUDOS CASACOS E VESTIDOS GRANDES DESCONTOS

Peçam amostras a

MARIANO & FILHO — Covilhã

APARTADO 106

IOGURTE VENEZA

«A saúde à sua mesa»

Não queira engordar. Mantenha a sua linha elegante, mas alimentando-se convenientemente, e isso será possível, se tomar... hoje e sempre

IOGURTE VENEZA, natural ou com sabor a frutos

À venda no Algarve

Lagos

Portimão

Praia da Rocha

Faro

Olhão

Monte Gordo

Vila Real S. António

Albufeira

- Estalagem S. Cristóvão
- Café Restauração
- Café Portugal
- Salão Império
- Casa Inglesa
- Fortaleza
- Café Aliança
- Café Brasileira
- Produtos Alimentares Danúbio, Lda.
- Café Restauração
- Pastelaria Império
- Café Firmo
- Viúva de José dos Reis Vieira

Fábrica de Iogurte Venezia, Lda.

R. Jorge Ferreira de Vasconcelos, 8 — Telefone 763697 — LISBOA



Crónica celulósica

II — O espectador e o cinema

DEPOIS de haver feito no número anterior algumas breves considerações sobre o modo como determinados sábios apresentam os seus filmes, e de estar em perfeito desacordo com esse costume, que considero erróneo — continuo a sustentar que só espectáculos de classe excepcional, podem e devem, ter aumento de preço no bilhete, nunca qualquer fita já porque é projectada em cinematóscopo ou em ecrã panorâmico — gostaria agora de abordar um problema que, se todos estiverem dispostos a colaborar, me parece de fácil solução.

Acontece que, em muitas casas de espectáculos da provincia, o espectador, quando se encontra de posse do bilhete de ingresso, julga que já pagou o suficiente para usar e abusar dos seus direitos, desrespeitando o seu semelhante e quebrando o silêncio com comentários feitos em voz alta e fora do âmbito do filme, bem assim como gritos e improperios, gargalhadas nas cenas dramáticas; espíritos de ocasião e um escândalo inaudito quando no ecrã os personagens fazem uma cena de amor.

Como se poderá depreender pelo exposto, gera-se entre o público um clima de nervosismo e mal estar, que vai aumentando gradualmente à medida que a sessão decorre. Claro que neste caso me refiro ao público, que gosta de ver cinema. Porque em boa verdade, só um indivíduo muito falhado em conhecimentos da 7.ª arte ou positivamente estúpido, pode levar toda a sessão a rir e a chorar e a aborrecer o parceiro, sem destruir uma obra de categoria dum outra mediocre.

Que melhor exemplo poderei apontar, do que o que se passou aqui mesmo, no cinema da Fuseta, durante a projecção do filme — que se pode considerar também de nota — dentro do padrão dos filmes do velho oeste americano, pois foge à vulgaridade do género, apresentando uma história arrancada às páginas da própria história dos Estados Unidos da América, e onde os personagens se movem dentro dum clima de transe e de forte valor psicológico — Cimarron!

Evidentemente que um filme não pode agradar a gregos e a troianos. Mas também o público não pode ir de ânimo leve presenciar qualquer fita, porque elas variam muito de concepção e realização, embora dentro do mesmo tema.

Já lá se foi o tempo do rapas da fita, do vilão e da rapariga que tem um pai já velho, de cabelos brancos, que é morto por uma bola traiçoira.

Hoje os filmes de cow-boys são mais complexos, fazem parte (não todos) do cinema moderno, em que se tenta analisar, a par da acção, o carácter psicológico e o lado humano dos seus personagens.

E assim Cimarron! É um bom filme, mas parte do público não se apercebeu ou não compreendeu isso; e, tal como os colegas numa alegre romaria, passou o tempo a falar a guinchar, a tossir, a assobiar e a fazer comentários pouco edificantes para quem os ouve.

Ora isto não está certo. Porque se uma casa de espectáculos, tem deveres para com o público, acho que o público também os tem para com ela.

Admitindo que exteriorize o seu descontentamento — porque há sempre descontentamento — por motivo de fitas partidas, demoras no recomeço, falhas no sonoro, etc., etc., a compra do bilhete não lhe dá o direito de fazer do cinema um teatro de rua, com uma língua, incomodando sem a mínima cerimónia, todos aqueles que gostam de ver uma película em silêncio.

Há que fazer notar a essa gente, aos novos principalmente, que o cinema, é algo mais do que um divertimento ocasional; e que a mudança brusca dum baile do campo para um filme com os atributos artísticos daquele que atrás citei, está muito para além do alcance de qualquer espectador desprevenido.

E, se me refiro aos bailes do campo, é porque uma grande falange desse público barulhento, que ora frequenta os cinemas e outros locais, é precisamente a que passava as noites nesses bailaricos populares, procurando uma distração fácil, sem grandes problemas filosóficos.

Esta transição súbita, torna-se por conseguinte, nos espíritos não ambientados, árdua e algo comoda, levando-os a reacções que não se coadunam com as imagens que se projectam na tela branca. Para eles aquilo são bonecos, bonecos e letras. As letras lêem-se e os bonecos vêem-se! Tudo o mais é paisagem!

Outro dia, sentou-se a meu lado um indivíduo com um aparelho de telefonia nas mãos — um desses transistores com que os japoneses enchemam o universo — irradiando música ligeira, saltitante.

Delicadamente, fis-lhe notar que me estava a incomodar, e a distrair-me a atenção do que se passava no ecrã.

O homem, ou melhor, o rapazote, fitou-se surpreendido e perguntou inocentemente: — Então vocemecê gosta mais de estar a ver a fita, do que ouvir este cordãozinho?

E por agora chega. Se o meu camarada João Leal der licença, para a semana terminarei esta série de considerações acerca do rei dos espectáculos: o cinema! Até lá boas fitas!

REIS D'ANDRADE

OS C. T. T. NO ALGARVE

Horário da estação dos C. T. T. de Monte Gordo

O Jornal do Algarve publicou uma lista em que alude à necessidade de continuar com o horário da época balnear a estação dos C. T. T. de Monte Gordo. Informa a Administração Geral daquele Organismo que a estação em causa, no período de Inverno, não acusa tráfego que justifique a ampliação do seu horário.

EMPREGADO — Oferece-se

Com 25 anos de idade, curso geral dos liceus, dominando o francês e tendo alguns conhecimentos de inglês, isento do serviço militar, com carta de condução de ligeiros boa apresentação dando rigorosas informações práticas de «Public Relations», pede lugar compatível de preferência na Provincia do Algarve.

Resposta a este jornal ao n.º 5.129.

PLANOS DE ACTIVIDADE

No de Mértola ocupam lugar de primazia as estradas e caminhos

(Conclusão da 1.ª página)

ram porque ele vinha trazer por um lado o alargamento da assistência e por outro o encargo desse alargamento ser suportado pelas Caixas de Previdência, ora detentoras de grandes fundos e, por conseguinte, em condições económicas de melhor poderem prestar essa assistência. As Câmaras ficariam assim aliviadas deste encargo, permitindo-lhes dedicarem-se a outras actividades.

«Não obstante o longo período já decorrido, nota-se, com pena, que tudo isso não passou de mera publicação do decreto, porquanto subordinou-se a sua aplicação prática à publicação dum regulamento que ainda não apareceu. Assim, continua a ver-se de ano para ano subirem os encargos com a assistência».

No que respeita à electricidade diz o relatório: «Apesar das diligências efectuadas não se vislumbra forma de poder electrificar-se o concelho, conforme era nossa de-sejo, pois que a Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, única companhia distribuidora de energia em alta tensão nesta região, não se interessa pela exploração desta zona. A dispersão dos centros populacionais, a sua pequenez e as distâncias que medeiam entre elas são os factores apontados como anti-económicos para uma exploração».

«Nas altas esferas, ao ser apontada a necessidade duma electrificação, é-nos sugerido que aguardemos melhor oportunidade e assim estamos impossibilitados de agir em prol deste ramo de progresso que tanto ambicionamos pôr em movimento».

Pretende-se resolver o problema do abastecimento de água a Mértola no próximo ano e quanto ao ensino primário, foram já construídos 47 edifícios e foi agora autorizada a construção de mais dois, um em Achada do Gamo (Santana de Cambas) e outro em Fontes (S. Miguel do Pinheiro).

Acerca do ensino médio, refere-se as vicissitudes por que passou o Externato D. Sancho II e as diligências feitas para não privar o concelho «desta escola que tão benéficos frutos vem dando há já alguns anos».

As obras previstas no plano dizem respeito a viação rural

As obras previstas no plano e que dizem respeito ao plano de viação rural para 1964-65 (importâncias respeitantes aos 75 por cento da previsão do custo) são as seguintes: caminho municipal da E. M. 509 (Penilhos) a Tacões, 1.ª fase, terraplanagens, 200.000\$; E. M. 506 — construção do lanço de via Glória ao limite do concelho de Almôdovar. Troço de Diogo Martins à Her-

dade da Quinta, 12.ª fase, empedramento, 120.000\$; E. M. 513 — construção do lanço entre Santana de Cambas e a E. N. 122 (Sedas), 15.ª fase, terraplanagens, 150.000\$; E. M. 509 — da E. N. 392 (proximidades da Atafona) à E. N. 267 (proximidade de S. João dos Caldeiros), 11.ª fase, pavimentação, 135.000\$; idem, 12.ª fase, terraplanagens, 100.000\$; E. M. 514 — construção do lanço de Corte Sines a Moreiras (E. N. 265), 4.ª fase, terraplanagens e pavimentação, 250.000\$; construção do caminho de acesso da E. M. 506 à povoação de Diogo Martins, fase única, terraplanagens e pavimentação, 55.000\$; construção do caminho municipal 1.177, lanço entre a E. M. 506 e o Monte de Vargens, fase única, terraplanagens e pavimentação, 75.000\$; construção do caminho municipal 1.205 da E. M. 506 a Roncão, fase única, terraplanagens e pavimentação, 40.000\$; construção do caminho municipal de acesso a Penedos, fase única, terraplanagens e pavimentação, 75.000\$; construção do caminho municipal 1.167, lanço de Mina de S. Domingos ao Telheiro, 1.ª fase, terraplanagens, 600.000\$, no total de 1.800.000\$.

Além das obras incluídas no Plano de Viação Rural, prevêem-se as destinadas a dotar as populações rurais de água potável. Estão aprovadas e com a promessa de comparticipação as obras respeitantes às povoações de Santana de Cambas, Espírito Santo, Moínhos de Vento, Penilhos, Tacões, João Serra, Alcaria Ruiva, sendo no primeiro e no último destes aglomerados levada a efeito a beneficiação de dois poços cada, importando o orçamento na sua totalidade e segundo o projecto na quantia de 185.625\$.

O cômputo das despesas a efectuar será igual ao da receita e prevê-se para esta a importância de 1.100 contos.

O relatório informa que a situação económica da Câmara não melhorou, primeiro porque desapareceu o imposto de minas, visto que este só é aplicado ao minério exportado; segundo porque alguns contribuintes de certa importância têm as residências fora do concelho e pagam as contribuições e o imposto de comércio e indústria nas terras onde residem.

NÃO TENHA MIRAGENS ! COLOQUE BEM O SEU CAPITAL

PREVINA-SE



Consultando os nossos Serviços Técnicos, antes de comprar a SUA VIVENDA, ANDAR OU APARTAMENTO, e veja o que lhe pode oferecer a nossa ORGANIZAÇÃO, UMA DAS MAIS conceituadas e mais antigas em regime de PROPRIEDADE HORIZONTAL.

CAPITAL MAIS RENDÁVEL, SOLUÇÕES A SEU DESEJO, CONCEPÇÕES MODERNAS EM TODOS OS REQUISITOS.

SOLIDEZ NA CONSTRUÇÃO, QUE GARANTE TRANQUILIDADE E SEGURANÇA

ANDARES, APARTAMENTOS E VIVENDAS DE 80.000\$00 A 350.000\$00 RENDIMENTOS ASSEGURADOS À TAXA DE 8%.

CONTINUA EM EXPOSIÇÃO O APARTAMENTO-TIPO COMPLETAMENTE MOBILADO, NA ZONA CENTRAL DA CIDADE JARDIM (REBOLEIRA - AMADORA)

J. PIMENTA, LDA.

RUA D. MARIA I, 30 — QUELUZ — TELEF. 952021/22 RUA CONDE REDONDO, 53-4.º, ESQ.

UMA REALIZAÇÃO EM ESTILO MODERNO

Empréstimos para construção a beneficiários das Caixas de Previdência

Realizou-se na secretaria notarial do Faro mais uma escritura de empréstimo para construção, ao abrigo da lei 2.092, em que foram outorgantes o dr. Ilídio Fernandes da Neves, presidente da comissão organizadora da Caixa de Previdência do Distrito de Faro e o sr. José Figueiras da Glória, beneficiário da mesma Caixa, de Lagos. O empréstimo foi de 50.000\$, importância destinada à construção de habitação própria do sr. José Figueiras, em Lagos, no sítio de Santo Amaro, a que corresponderá a amortização mensal de 204\$00.

Além dos empréstimos já concedidos com a mesma finalidade, para as cidades de Lagos e Portimão, muitos outros correm os trâmites normais, de que beneficiário outras localidades algarvias, em especial Oihão.

Compra-se no Algarve

Propriedade para exploração agrícola, necessário ser terra fértil, de regadio, de acesso fácil. Só se trata com o próprio.

Resposta a este jornal ao n.º 5.127.

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Oihão na Tabacaria Moderna, Avenida da República, 46.

Casas e Terrenos

Compramos e vendemos todos os tipos de propriedades pelos melhores preços.

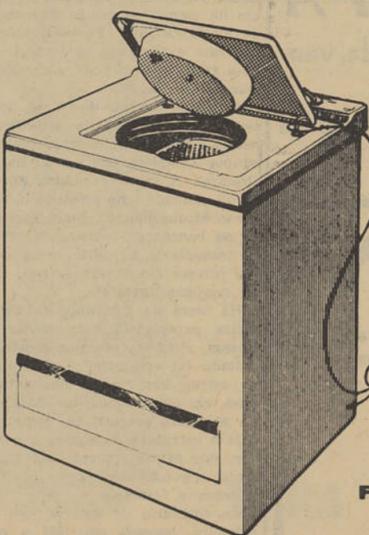
AGÊNCIA ALGARVE, Rua Conselheiro Bivar, 50-1.º — Telefone 1637 — FARO.

VENDE-SE

Toda a ferramenta duma oficina de serralharia, pela melhor oferta.

Aceta propostas, Leonel R. Agostinho - Faro.

do cobertor ao babetete tudo lava a majorette



- AQUECIMENTO A GÁS OU ELECTRICIDADE.
- LAVA, ENXAGA E ENXUGA NA MESMA MÁQUINA, PELO SIMPLES MANEJO DE COMANDO ÚNICO.
- CAPACIDADE DE 5 K DE ROUPA SECA.
- DURAÇÃO DA LAVAGEM, DESDE A INTRODUÇÃO DA ROUPA ATÉ FINAL DA SECAGEM: 30 m.
- ROBUSTEZ, EFICIÊNCIA E QUALIDADE

FACILIDADES DE PAGAMENTO

FRIGIDAIRE

UM PRODUTO DA GENERAL MOTORS

Concessionários para o Algarve

FAR AUTO Limitada FARO PORTIMÃO

Revendedores em todos os concelhos

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Es má. Eu sei. Não me iludes, mas há muito já senti: se tu fosses só virtudes já não gostava de ti...

LUIS FIGUEIRA

Normas sociais

Desde o momento em que o noivado foi comunicado a parentes e amigos, estes, ao fazer qualquer convite, devem dirigir-lo ao noivo e à noiva, nunca a um só. Quando feito a um só, os noivos devem gentilmente decliná-lo.

— O anel de noivado não é obrigação de nenhuma lei, mas uma tradição muito antiga e até hoje conservada. A oferta do anel por parte do noivo corresponde a um gesto espontâneo de compromisso para com a noiva.

— As alianças mais distintas e conforme a tradição são as de ouro, simples, de preferência escolhidas por ambos os noivos para que a espessura e a cor do ouro seja a gosto dos dois, mas devem ser ofertadas pelo noivo. Na parte interior do anel, podem ser gravados os nomes de ambos e a data do casamento. Em Portugal, como em muitos outros países, a aliança é usada no dedo anelar da mão esquerda. Há países, porém, em que vigora o hábito de usar a aliança matrimonial na mão direita.

Para se ser sábio

Alguém perguntou um dia a Ramon y Cajal:

— É muito difícil chegar a sábio, Don Santiago?
— Nem por isso. O que mais custa são os pormenores.
— Os pormenores?..
— Sim: aprender a ser distraído. Esquecer-se do chapéu, sair com guarda-chuva em dia de sol, molhar a caneta no frasco da cola... Isso é que custa, porque não se pode prestar atenção a tudo.

Como eles pensavam

O mal sem remédio, o mais certo que tem é fazer da necessidade virtude. — Camões
— O que esteve arriscado na tormenta, não se fia do mar, quando há bonança. — Rodrigues Lobo
— A ambição é o maior estímulo: é com ele que se edifica. — Malheiro Dias
— Frequentemente, uma palavra que te escapa, é uma espada que te ameaça. — Provérbio muçulmano
— O tempo quase nunca falta para as coisas que verdadeiramente se querem. — Guizot
— O mundo tem uma tal neces-

Também na cozinha se pode ser artista

Lulas à moda de Leónia — Preparam-se 6 lulas grandes, lavam-se, cortam-se-lhes os tentáculos que se metem dentro, juntamente com a tinta das bolsas. Fecham-se bem com palitos e põem-se de lado.

— Princípio de emenda é o conhecimento do pecado. — Epicuro
— Homens de «havemos de fazer» nunca farão nada. — Padre António Vieira

O doce nunca amargou

Podim sintrense — 480 gramas de açúcar refinado; 250 gramas de miolo de amêndoa; 250 gramas de abóbora coberta; 30 gramas de cidrão e quinze gemas de ovos.

Pela-se a amêndoa e passa-se muitas vezes pela máquina, até ficar numa massa bem fina. Põe-se o açúcar ao lume, com metade do seu peso de água e o cidrão picado miudamente, deixando ferver até ficar em ponto de fio; deita-se então a amêndoa pisada e a abóbora, cortada aos pedacinhos, deixando ferver um bocadinho. Tira-se, e em estando morno, juntam-se-lhe as gemas bem batidas e levam-se novamente ao lume, a levantar fervura, após o que se tira imediatamente. Então, deita-se numa forma bem untada e polvilhada com farinha, polvilhando-se por cima também com farinha, e vai ao forno a cozer em lume brande.

Servem-se acompanhadas com arroz branco, temperado com bastante margarina.

E agora não ria!

Pai — És capaz de me explicar porque tiveste zero no exame?
Filho — Porque é a nota mais baixa que eles dão.

CROMOS ALGARVIOS

ALTE

(Conclusão da 1.ª página)

que haja surgido nesta terra essa incomparável glória das letras algarvias, venerando patriarca da poesia, por todos recordado com infinita saudade e que se chamou Cândido Guerreiro. É o próprio sonetista, que na quadra primeira de um belo soneto, nos diz:

Porque nasci ao pé de quatro montes
Por onde as águas passam a cantar
A canção dos moinhos e das fontes
ensinaram-me as águas a falar.

Estranha fala, sons que são música,
melodia que é poesia constante.
É isso mesmo que acontece em
Alte, onde um sentimento inequívoco
nos empurra a uma fraternidade
com o meio ambiente, numa
vivência total, pois como Cândido
Guerreiro assimala:

Sinto-me irmão da luz, do ar, das
[água,
Sinto-me irmão dos ingremes pe-
[nedos
E sinto que sou Deus, pois Deus é
[tudo.

Quando volvidos alguns quilómetros
de estrada, em que a penedia
dá uma nota de reminiscência má-
cula à paisagem, esverdeada aqui
e além pela presença estoica das
alfarrobeiras e esbranquiçada pela
mão humana, — que a brancura
da cal é sortilégio — depara-se-nos
como presépio que mãos de artista
hajam cuidadosamente disposto a
tão típica, como encantadora aldeia
de Alte. É franqueada a ponte, co-
meçamos a admirar belezas sem
conto: cascata do Vigário; azenhas;
recantos onde o tempo parece haver
estagnado e que aguardam, seden-
tos de cor e alma a libertação ou
uma chamada do além para uma
redenção apoteótica. Numa rua de
angulosos contrastes, numa conti-
nuidade de alvura, uma janela. Por
sobre esse buraco aberto na chapa-
da de cal uma parreira de folhas
verdejantes a sair de um tronco
em tipo de moldura. A luz, intensa
e algarvia, um céu de azul, como
só nós o temos e um rosto bonito
a assomar um sorriso cândido e
digam-me leitores, se é necessário
algo mais para completar um qua-
dro digno de expressão pictórica
de um mestre pintor. As flores
abundam, que a terra é toda ela
um cuidado jardim. Fonte pequena
— sala de visitas, permanentemen-
te com ar festivo, onde sob o ar
contemplativo e cristão do sr. Santo
António, em azulinhos, a água
jorra numa dádiva bendita, e onde
a gratidão alense houve por bem
perpetuar a memória do filho di-
lecto Cândido Guerreiro. Fonte
Grande — onde a paisagem serra-
na atinge culminâncias e onde no
chape-chape das lavadeiras pare-
cem repassar toadas de mouras en-
cantadas, sortilégios e amores. Ro-
cha dos Sócios — a vista estende-
-se até ao infinito, até Sagres e
para a Serra do Caldeirão até ao
Alentejo, miradouro natural de
vastos recursos, com a famosa Gru-
ta dos Sócios.

Música — Algarve autêntico ro-
dopiando ao som de harmónios,
num corridinho de efeito ou num
«banho mandado» — danças que

moças e moços desta freguesia lou-
letana têm dançado pelo País fora
e pelo estrangeiro, numa verdadei-
ra embaixada do folclore algarvio,
que muito deve ao Rancho Folcló-
rico da Casa do Povo de Alte.

Tem Alte recebido nos últimos
anos alguns melhoramentos de in-
contestável valia, tais como a luz
eléctrica, não só na aldeia, como
em Benafim Grande; a estrada mu-
nicipal de Alte ao sítio do Esteval
dos Mouros e Monte do Brito; fon-
tanários e lavadouros em diversos
sítios da freguesia; calcetamento
de ruas em Alte, etc., que muito
têm contribuído para o progresso
da típica freguesia serrana. Mas
urge que as autoridades dêem plena
concretização a justos anseios, que
são prementes necessidades. Ao
acaso apontamos: fontes higiénicas
nos vários sítios da freguesia onde
ainda não existem; melhores cami-
nhos vicinais para a região serra-
na; ampliação do cemitério paro-
quial, da maior urgência; mercado
público condigno; conclusão da es-
trada Alte-Rocha dos Sócios; lava-
douro público em lugar próprio;
sedes próprias para a Junta de Fre-
guesia e Casa do Povo. Saliem-se
que em relação a comunicações Al-
te está bem servida pois tem várias
carreiras diárias de camionagem
que a ligam a Loulé e a Mesines.

Testemunhando o índice cultural
e formativo da terra, não só concre-
tizado em tantos valores intelectu-
ais, verificou-se ali já a existência
de um jornal denominado «Folha
de Alte», de que foi director o
saudoso José Francisco da Graça
Mira, alense de rija tempera e
grande defensor dos interesses re-
gionais. Iniciando a sua publicação
em 1920, aquela jornal veio a ter-
minar com a morte do que foi seu
dedicado director e fundador.

Num momento em que se procura
trazer à superfície todas as amplas
possibilidades deste paraíso sulino
no sector turístico, também Alte
tem uma palavra a dizer e um
lugar a defender, ditado pelas suas
belezas sem par e pelo seu tipicis-
mo, que tanto encantam quem al-
guma vez transpôs os seus umbrais.
Para além dos diligentes esforços
feitos pelos alenses nada mais se
processou no sentido da integração
de Alte na Operação Algarve-Tu-
rismo. E desde logo duas obras
vêm a primeiro plano: a edificação
de uma pousada — local de refúgio
para os que procuram paz e sosse-
go e a conclusão da estrada Alte-
Rocha dos Sócios — o miradouro
de paisagens mil, a que já nos refe-
rimos. E dentro do sector de inicia-
tivas é de inteira justiça que se
tribute um vivo apreço à Junta de
Freguesia, a que o dedicado aten-
se sr. José Cavaco Vieira vem pre-
sidiendo a bem da sua terra e do
Algarve, há longos anos.

Festas típicas, música, alegria,
natureza sempre pronta a oferecer
seus encantos, local predestinado
para sacrário da paz, do encanto
e daquilo que entendemos por ser
algarvio serrano e típico, Alte — jóia
incrustada em plena serra; Alte
— paraíso, onde o divino e o ho-
mem se encontraram e se entende-
ram; Alte — é bem um pedaço belo
deste belo Algarve!

JOÃO LEAL

notícias do CONDE BARÃO

Toda a correspondência deve ser dirigida aos Armazéns do Conde Barão, Largo do Conde Barão, 42-Lisboa-2

SORTEIO EXTRA

Já terminou o concurso «Letras ao Acaso», no entanto
variadíssimos concorrentes continuam enviando impressos e
postais, com letras coladas. O entusiasmo continua, portanto.
Em face dele, que havemos de fazer?

Reatar o concurso, não está nos nossos planos, por moti-
vos vários, entre os quais a falta de tempo nesta quadra do
ano para compilar e examinar um por um dos postais reme-
tidos, de forma que resolvemos o seguinte:

Até ao próximo dia 7 de Novembro receberemos todo e
qualquer postal ou impresso com letras coladas, depois do
que, reunidos todos os postais ou impressos, efectuaremos um
sorteio, escolhendo ao acaso VINTE DESSES POSTAIS OU
IMPRESSOS, aos quais ofertaremos um brinde sensacional
e que é nada menos do que

UM JOGO DE QUATRO NAPERONS,
tipo americano entrançado

Temos assim, uma nova probabilidade para todos aqueles
que, sem sabermos que o concurso terminara, continuaram en-
viando probabilidades de acerto e bem assim para aqueles que
sabendo do fim do concurso, queiram ainda habilitar-se
a este sorteio final e extra dum concurso, que reuniu condi-
ções de agrado e expansão por todo o País, Ilhas e Ultramar.
Sim, porque até de Cabo Verde e Guiné, viemos e ainda há
bem poucos dias, recebendo postais.

Portanto, atenção: até ao dia 7 de Novembro envie também
o seu. Pode ser que desta vez tenha sorte e os quatro nape-
rons lhe caibam em sorteio.

Sobretudos - Gabardines



GABARDINE DE «TERYLENE»,
uma maravilha de corte, cores es-
tupendos, 490\$00.
GABARDINE DE «TERYLENE»,
espumatizada a Lintafoam, forros
de fantasia, formidáveis de apre-
sentação, 650\$00.
SOBRETUDO-GABARDINE, nos-
so clamoroso exclusivo, espumatiza-
da a Lintafoam, forros de 1.ª em
fúria-cores, vestir admirável, 580\$.
GABARDINES EM NYLON, gran-
de sucesso de ano para ano, com
modelos evoluídos, para homem
custam 150\$00 e para senhora tam-
bém o mesmo preço.

Recorte o
seu vale

Recorte o seu vale, faça as
suas compras por escrito (ou
pessoalmente) e envie-o para
lhe ser descontado em artigos
que adquira num mínimo de
100\$00; se tiver dois vales, po-
derá ser descontados num mí-
nimo de 200\$00 de compras;
três vales, 300\$00, etc.
Mas tome atenção: o fim do



O NOSSO
CORREIO



Correspondências sem direc-
ções — Variadíssimos p o s -
tais têm chegado até cá, sem
nome nem morada, supondo
nós, pelo que e les apresen-
tam, terem tido qualquer coisa
colada no verso, que com a
manipulação dos correios,
acabou por ficar pelo caminho.

Temos pena que tal aconteça, pois
nos impossibilita de responder e
quem sabe, se faltamos ao envio
de qualquer coisa que nos tenha
sido solicitado ou devessemos en-
viar, em face dos brindes que últi-
mamente vimos oferecendo a troco
dum talão devidamente preenchido.
Aqui fica um aviso para que tenham
o máximo cuidado na colagem des-
ses talões.

Atenção Covilhã: sr. Jorge Alber-
to — Onde mora? No postal que
nos escreveu, apenas indicou este
nome.

Atenção Salgueiro do Campo —
Como já compra este jornal, queira
indicar a sua direcção e nome, pois
se esqueceu de o fazer ao escrever-
nos através dum postal que forne-
cemos.

Secção de Amostras — Todos os
pedidos recebidos até ao meio dia,
são atendidos e despachados no
mesmo dia. Peça amostras dos ar-
tigos que lhe interessa, não esque-
cendo indicar o seu nome e mora-
da completos. Receberá um belo
saco plástico, de brinde.

Serviço de Encomendas — São
praticamente atendidas também na
volta do correio, quanto muito no
dia seguinte ao de serem recebidos
os pedidos. Todas as encomendas
levam um útil brinde plástico de
grande utilidade no lar.

ano aproxima-se e este vale
perderá o valor precisamente
no dia 31 de Dezembro de 1964.
Aproveite-o enquanto é tempo.

NECROLOGIA

João Fernandes Borges

Faleceu em Lisboa o sr. João Fernan-
des Borges, de 68 anos, natural de Vila
Real de Santo António, casado com a
sr.ª D. Manuela Martins Escobar, pai
das sr.ªs D. Joana Borges Martins e
D. Carmen Borges Martins. Hábil mestre
de pesca e proprietário de galeões
e traineiras, abandonou esta actividade
e fixou-se em Portimão onde foi pro-
prietário do Café Nacional. Era bastan-
te conhecido e estimado no meio ma-
rítimo.

Era irmão dos srs. Alexandre Fernan-
des Borges, proprietário e mestre
de pesca, residente em Vila Real de
Santo António, casado com a sr.ª D.
Deolinda Sales Borges; Rafael Borges,
residente em Portimão e Francisco Bor-
ges, residente na Baía dos Tigres e
das sr.ªs D. Dolores, D. Maria Adelaide
e D. Catalina Borges. O funeral reali-
zou-se em Portimão.

Também faleceram:

Em VILA NOVA DE CACELA — a
D. Maria Auta Isabel Gonçalves, de
72 anos, viúva.

Em MONCARAPACHO — o sr. Antó-
nio Gago do Nascimento, de 80 anos,
sócio fundador da Empresa de Camio-
netas Rodoviária, com sede em Olhão,
casado com a sr.ª D. Maria Assunção
Nascimento, pai das sr.ªs D. Maria da
Conceição Nascimento Neto e D. Maria
do Carmo Nascimento Guilomar, casada
com o sr. José de Sousa Guilomar, pro-
prietário; avô dos srs. José António
Neto Nascimento e Joaquim do Nas-
cimento Neto.

Em LISBOA — a sr.ª D. Olinda da
Conceição Henriques, de 74 anos, viúva,
natural da Luz.

— a sr.ª D. Luísa de Jesus Pires
Fernandes, de 42 anos, natural de Es-
tôbar (Lagoa), casada com o sr. José
Inácio Fernandes e mãe da sr.ª D. Eu-
lália Maria Pires Fernandes de Jesus.

— o sr. José dos Santos Salsinha, de
81 anos, natural de Portimão, casado
com a sr.ª D. Maria Assunção Salgado,
pai dos srs. José Santos, Joaquim dos
Santos, António Salgado, Augusto Sal-
gado e das sr.ªs D. Carminda Salsinha
e Libânia Salgado.

— o sr. José Palermo Mendonça, de

77 anos, natural de Almansil (Loulé),
casado com a sr.ª D. Maria das Dores
Cristóvão.

— a sr.ª D. Mariana de Jesus Martins,
de 63 anos, natural de Albufeira.

— o sr. Aníbal José Pinto Palaré, de
18 anos, natural de Faro, filho da sr.ª
D. Olga Passos Pinto e do sr. Aníbal
Rodrigues Palaré.

— o sr. Luís Aleixo Figueiras, de 84
anos, carpinteiro, natural de Silves.

— o menino José Joaquim Duarte
Barata, de 8 anos, natural de Lagos,
filho da sr.ª D. Rosa da Silva Duarte
e do sr. Joaquim Baptista Barata.

— a sr.ª D. Maria da Luz Neves, de
76 anos, natural de Silves, viúva, mãe
das sr.ªs D. Catarina das Neves Aze-
vedo e D. Liliãna da Luz Neves Brás.

— o sr. José Martins Machado, de
77 anos, natural de Olhão, casado com
a sr.ª D. Ester Martins Machado, pai
da sr.ª D. Ana Ester Machado de Sou-
sa, e do sr. José Travassos Machado.

— a sr.ª D. Gertrudes Maria Louren-
ça, de 53 anos, natural de Fátima,
cujo funeral se realizou para o cemité-
rio de Setúbal.

— o sr. Virgílio Tomás dos Santos,
de 74 anos, natural de Olhão, casado
com a sr.ª D. Maria Albertina dos San-
tos Cruz.

— a sr.ª D. Glória Calvário, de 62
anos, natural de Silves, casada com o
sr. Silvino Gomes.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal
do Algarve* sentidos pésames.

Propaganda
do Algarve

Da sr.ª D. Maria Judite Santos, de
Lisboa, e a propósito da nossa última
«Crónica do Verão Ardente» em que
nos referíamos ao papel dos estrangei-
ros no desenvolvimento turístico do Al-
garve, recebemos uma carta em que
afirma que o sr. José Coelho Pinto, que
tem promovido transacções de terrenos
com fins turísticos na nossa Província,
gasta hoje milhares de contos em Por-
tugal e no estrangeiro em propaganda
do Algarve.

Ventilação dos gali-
nheiros no Inverno

Só com uma boa ventilação se
podem conservar os pavimentos
secos e as aves confortáveis, evitar-
-se que a água dos bebedouros con-
gele e as aves se amontoe.

A maior parte dos avicultores
não ignora que o ar quente sobe
enquanto que o ar frio desce, e que
o ar quente leva muito mais humi-
dade do que o ar frio.

Todavia, agem como se o igno-
rassem. No Inverno, deixam en-
trar o ar frio pelas janelas que,
como é sabido, vai direito ao chão.
A sua temperatura aumenta com o
calor das aves e escapa-se pelas
fendas do telhado e pelos ventila-
dores sem ser retido para conser-
var o galinheiro confortável nem
para aumentar a capacidade de hu-
mididade do ar que sai.

Ora isto é um erro grave.
A ventilação de Inverno exige
entradas de ar frio por pontos al-
tos, quer pelas paredes quer pelo
tecto, mas com as janelas fecha-
das. O objectivo destas entradas de
ar é evitar a corrente de saída de
ar quente e limitar a saída do ar
frio. Os ventiladores são usados
para distribuir de uma maneira ho-
mogénea o ar frio que entra ao
nível do tecto. As saídas de baixo
nível, com bom poder de absorção,
completam o quadro. Levando-o ao
fim por extractores colocados no
tecto com condutas de aspiração
que vêm até ao chão, o ar impuro,
carregado de humidade é atraído.
Com esta instalação o galinheiro
é mais quente no Inverno com os
ventiladores a trabalhar do que
parados.

Anteplano de urba-
nização de Faro

A vereação da Câmara Municipal de
Faro autorizou o respectivo presidente
a constituir uma comissão destinada a
estudar o projecto do anteplano de ur-
banização da cidade antes de o mesmo
ser apreciado pela Câmara e pelo con-
selho municipal.

JORNAL DO ALGARVE é vendido
em Loulé pelo sr. José Isidro Bar-
reto Lamy.

WHISKY
WHITE LABEL
ESPUMANTES NATURAIS
RAPOSEIRA
WHISKY VELHO
NE PLUS ULTRA
BRANDY
REBELLO VALENTE
VINHOS DA MADEIRA
MARCELLO GOMES
VINHOS DO PORTO
ROBERTSON
APERITIVO
AFONSO III
BRANDY
ROBERTSON
CERVEJA HOLANDESA
THREE HORSES BEER
COGNAC E BRANDY
DENIS-MOUNIÉ
AGUARDENTE DE MEDRONHO
BRAZÃO
VINHOS DE MESA
DOIS CAVALOS
PEDIDOS A
BENARUS, LDA.
RUA DA EMENDA, 100
TELEFONES. 32 5674-32 36 90 — LISBOA, 2

Pretende-se alugar
Em Vila Real de Santo
António casa nova,
para habitação, bem
localizada.
Respostas a este jor-
nal ao n.º 4.279.

DUNLOP
PNEUS
A EXPERIÊNCIA
DAS CORRIDAS
EM SERVIÇO NAS ESTRADAS
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA O ALGARVE
José Mendes, Lda.
OLHÃO

Trespassa-se
Por falta de saúde do seu proprietário o Café-Restau-
rante AS CAVES DO GUADIANA, o mais antigo de Vila Real
de Santo António, situado na avenida marginal, para a qual
tem três portas e mais uma para a Rua da Princesa. O es-
tabelecimento está bem apetrechado de maquinaria e mobi-
liário e tem uma desafogada esplanada com vista para o
rio Guadiana. A principal agência do Totobola no Algarve.
Só se trata com o próprio.

A aflitiva falta de telefones em Vila Real de Santo António - Monte Gordo

(Conclusão da 1.ª página)

Os pedidos são em número de algumas dezenas e muitos interessados, ao corrente das dificuldades que há, não se atrevem a pedir por verificarem a inutilidade de o fazer.

A estas dificuldades há ainda a juntar a circunstância de ser muitas vezes difícil obter-se a assistência do electricista dos serviços que, segundo nos dizem, também está a assistir a rede de Távira.

Ora esta situação não pode prolongar-se pelos graves transtornos que causa a todas as actividades e muito especialmente ao turismo, já que ao informarem-se os estrangeiros de que não é possível fazerem-se chamadas por falta de telefones em número suficiente, ficam eles com uma ideia acerca de tais serviços muito desagradável não só para os ditos serviços como para o País.

A Administração Geral dos C. T. T. sabe bem o movimento telefónico de Vila Real de Santo António e sabe que o rendimento desse movimento chega, em certos meses, a atingir centenas de contos. Logo parecia que devia fazer todas as diligências para conjurar o mal que, forçosamente e pela natureza de uma parte da clientela reverte em desprestígio para o País. Esperamos pois, em face da delicada situação, que o sr. correio-mor dê as oportunas providências pois o mal agrava-se de dia para dia, visto que novas construções hoteleiras vão ser feitas, algumas das quais, segundo sabemos, têm exigências da ordem de dezena de linhas.

CASA

Em Vila Real de Santo António

Aluga-se grandes divisões, óptimo local frente ao embarque e desembarque para Espanha, própria para escritório de grande empresa, ou Banco, incluindo residência. Informar-se na Avenida da República, 119 — telefone 4.

A tensão turística desceu e o Algarve vive agora momentos de quietação e re-vigoramento

(Conclusão da 1.ª página)

te-americanos estarem a aconselhar os seus compatriotas a não incluírem a França no programa das suas férias de veraneio.

As razões apontadas são as seguintes: atingiu as raíças do exauro a exorbitância de preços em alojamento e alimentação; os hotéis encontram-se desactualizados; os franceses, adormecidos à sombra da galinha dos ovos de ouro, arrefeceram quer na publicidade quer no equipamento turístico.

Na Itália, está a acontecer praticamente o mesmo, o que nos leva a tirar a conclusão de que esta é condenação a que estão votados todos ou quase todos os países que procuram fazer do turismo fonte de riqueza.

Dar-se-á o caso de, à semelhança do que acontece com todas as outras coisas, a fartura cansar? Não cremos. Mas se tal acontece efectivamente, pelo menos é certa a tendência para um afrouxamento na propaganda, quando se atinge apreciável nível de prosperidade.

Ora nós aqui, no Algarve, ainda estamos no princípio, não sendo provável portanto, nem previsível um afrouxamento ou diminuição no afluxo turístico.

Aproveitando a lição da França e da Itália, já que dos males dos outros podemos muitas vezes tirar ensinamentos para nós, devemos para já: — evitar, tanto quanto possível, o exagero nos preços quer dos alojamentos quer da alimentação; exercer intensa fiscalização — o que compete às entidades oficiais directamente ligadas ao problema — sobre as condições de higiene de determinadas residências, oficializadas ou não, que durante a época estival recebem os nossos visitantes.

O problema da falta de alojamentos não é, presentemente, dos mais aflitivos, pois de toda a parte nos surgem notícias de inícios de construção de unidades hoteleiras, ao mesmo tempo que nas gavetas dos departamentos oficiais jazem, burocrática e caprichosamente, dezenas de projectos de outras.

Impõe-se, acima de tudo, iniciar uma grande campanha para o fomento do Turismo de Inverno no Algarve, porque a nossa Província é, fundamentalmente, uma estância de turismo ideal na época em que, lá fora, a neve, o frio e as chuvas intermitentes obrigam as pessoas a procurar outras paragens, onde o clima seja mais ameno. E onde temos nós clima mais agradável, durante o Inverno, que aqui na nossa terra?

A este assunto, de capital importância para a nossa Província, voltaremos noutra oportunidade.

TORQUATO DA LUZ

Residência «CATAVENTO»

MONTE GORDO - ALGARVE

Telefone N.º 429 - Telegramas: VENTO-M. Gordo

Vila Real de Santo António - Portugal

Belíssimos quartos e apartamentos, todos com casa de banho e varanda privativa. A 200 m. da Praia. Magnífica vista sobre o oceano

Esmerado serviço de Restaurante, Snack-bar, Café e Garagem

ABERTO TODO O ANO «CATAVENTO» is the most modern of Monte Gordo, with finest view, overlooking the Sea. Magnificent Restaurant, Snack-Bar and Dancing, is situated next to the Beach. All rooms with private bath and SUN balconies. Garage.

ENSINO NO ALGARVE

Liceal

Foram nomeados, por conveniência urgente de serviço, directores de ciclo do Liceu de Faro, os srs. drs. D. Maria Georgina Ventura de Almeida, do 2.º ciclo; Elvino Augusto da Rocha Gomes, do 1.º; Luis dos Innocentes Afonso, do 2.º e Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães, do 3.º.

Técnico

Encontra-se vago um lugar de contínuo de 2.ª classe, na Escola Industrial de Olhão.

Primário

Foi autorizada a contrair matrimónio com o sr. António José Valente Viegas, a professora sr.ª D. Maria Bernardete Viegas Madeira.

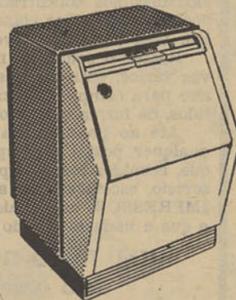
— A seus pedidos, foram exoneradas a professora sr.ª D. Celisla Maria das Neves Mendes e as regentes escolares sr.ª D. Ivone Maria Gaio, do posto de Taipas (Monchique) e D. Maria Francisca Marreiros, do posto de Colégio (Lagos); e foi colocada na situação de licença ilimitada a sr.ª D. Olívia Martins Luís, da escola mista de Taipas (Monchique).

— Foi extinto o posto escolar de Marchil, S. Pedro, Faro.

PARA A LIMPEZA DO SEU LAR ESCOLHA...



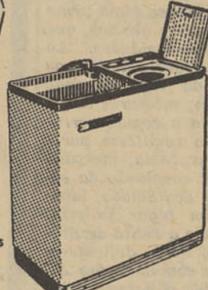
MÁQUINAS DE LAVAR



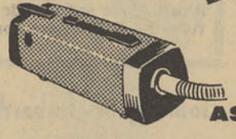
Novo modelo HOVERMATIC! Silencioso e fácil de manejar comandos superiores, lava e seca 6 Kg. de roupa em 8 minutos

Com cada máquina serão fornecidos 2 pacotes OMO gigante, marca recomendada pela HOOVER

Modelo "KEYMATIC" Inteiralemente automática Oito programas de lavagem Hidro-extração muito eficiente



HOOVER CONSTELLATION Flutua sobre o seu próprio jacto de ar, facilitando a sua deslocação em grandes áreas



ASPIRADORES

Aspirador Cilíndrico HOOVER Mais completo! Mais potente!! Mais económico!!!



o melhor!

Enceradora HOOVER Para polimento fácil, eficiente e sem esforço, de qualquer superfície. Leve em peso e custo

ENCERADORAS

ENCERADORA-SHAMPOO Aproveite a sua enceradora também para a lavagem das suas carpetes e alcatifes

RAPIDEZ ECONOMIA PERFEIÇÃO

Peçam catálogos, demonstrações GRÁTIS ou assistência técnica ao revendedor HOOVER local:
Rádio Reparadora do Sul — FARO Joaquim dos Santos — PORTIMÃO
José Borba Martins — LAGOS Palma, Ribeiro & Calé, Lda. — OLNÃO
Hélder Vieira de Sousa — ALBUFEIRA João F. de Sousa Girão — SILVES

ECONOMIA

Melhoria do gado leiteiro

Uma das últimas medidas tomadas para melhorar a qualidade do gado leiteiro britânico destina-se precisamente a obter um aumento da produção de leite.

Fazem-se actualmente experiências com o cruzamento de duas raças — a Jersey, famosa pelo leite extremamente rico que produz — e a British Friesian.

A British Friesian produz grandes quantidades de leite — uma média de 4.770 litros por ano — ou seja, cerca de 30 por cento mais do que a Jersey. Mas a qualidade do leite, conquanto não deixe de ser excelente, não é tão boa. Ora, cruzando touros Jersey com vacas British Friesian, espera-se poder obter o melhor de ambos — alta produção de leite rico.

De momento, na Grã-Bretanha, estão a efectuar-se experiências com 24 Jerseyanas (nome dado ao híbrido das duas

ALGUMAS DAS MELHORES CASTAS VÍNICAS DO ALGARVE

Esta série de informações que temos vindo a prestar aos leitores relativas à produção de uvas das diferentes castas ensaiadas, tem-nos servido como casta «padrão» digamos assim, a Negra Mole, que é sem dúvida a mais cultivada na Província, logo a mais conhecida e portanto a mais indicada para o fim em vista.

Além das castas Crato Branco, Negra Mole e Manteudo, a que já

fizemos referências nos escritos anteriores, foram ainda incluídas no mesmo ensaio as castas Monvedro e Trincadeira, duas castas tintas vinticas também bastante cultivadas na região. Por conseguinte e de acordo com a orientação seguida para as três primeiras, vamos também fazer uma breve análise à capacidade de produção das duas castas que hoje apresentamos.

Com base na orientação seguida até aqui, vejamos em primeiro lugar as produções das duas castas na última vindima.

Castas Monvedro «preta» — Bloco I — 66 quilos; bloco II — 23 quilos; bloco III — 91 quilos; bloco IV — 72 quilos. Soma 252 quilos.

Temos assim uma produção de 252 quilos para a casta Monvedro que por curiosa coincidência é exactamente a mesma produção da casta Manteudo, portanto os mesmos onze quilos mais que a casta Negra Mole. Sobre este aspecto da questão podemos ainda acrescentar que de um modo geral as produções entre as duas castas se igualam, as diferenças entre elas são sempre relativamente pequenas, apenas se alteram as posições de ano para ano; ora nos aparece uma, ora a outra em primeiro lugar.

Vejamos agora a posição da casta Trincadeira também para a última vindima.

Trincadeira «preta»: bloco I — 37 quilos; bloco II — 25; bloco III — 61; bloco IV — 44 quilos. Total — 167 quilos.

Em conformidade com os elementos já aqui apresentados, não restam portanto quaisquer dúvidas de que a casta que menos produziu na última vindima foi exactamente a Trincadeira. A diferença de produção entre esta casta e a Negra Mole — 241 - 167 = 74 quilos a favor da última. Temos portanto que das cinco castas ensaiadas, apenas uma delas produziu menos do que a Negra Mole, apresentando-se com uma diferença que merece realmente registo especial.

De acordo também com o que já fizemos para as restantes, aproveitamos para esclarecer que de um modo geral a produção da Negra Mole, é superior à da Trincadeira; somente as diferenças encontradas não são tão grandes como as da última campanha.

Se quisermos avaliar melhor a capacidade de produção entre esta casta e o Crato Branco, por exemplo, encontramos a seguinte diferença — 468 - 167 = 301 quilos mais para a casta Crato — tão grande diferença a favor da última casta, cerca de três vezes mais do que a Trincadeira, é tão eloquente que se torna indispensável fazer-lhe quaisquer outros comentários, até porque, o que se verifica na presente campanha, se repete invariavelmente ano após ano, e praticamente no início destes trabalhos.

Nas próximas notas faremos a análise geral da última campanha, com a apresentação de todos os elementos relativos à última vindima.

JOSE FARINHA

APROXIMA-SE A CAMPANHA DO NATAL

PARA A COMPRA DE

FOGÕES e FOGAREIROS das marcas JUNEX-LEÃO-PORTUGAL-PREMALT ESQUENTADORES WAILLANTT

PANELAS DE PRESSÃO, FERROS ELÉCTRICOS, PHILSHAVES (a melhor máquina de barbear), BALANÇAS PARA COZINHA e muitos outros artigos electro-domésticos

DIRIJA-SE A

José Guerreiro Martins Ramos

Rua Conselheiro Bivar, 52 — FARO — Telefone 1307

Avenida Marçal Pacheco, 38 — LOULÉ — Telefone 208

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDA

Juá

oferece

um assador especial para

CHURRASCOS

UM PRECIOSO AUXILIAR PARA OS BONS PITÉUS DA SUA COZINHA

BASTAM 2 TAMPAS GIGANTES OU 4 GRANDES OU 6 MÉDIAS E APENAS

26,50

*SÓ SÃO VÁLIDAS AS TAMPAS ONDE ESTÁ IMPRESSO "FABRICADO EM PORTUGAL"



Juá a lavar é sol a corar!



AUTOCARROS DE ALUGUER
DESDE 28 A 43 LUGARES
Não deixe de consultar o concessionário:
ANTÓNIO EVARISTO DOS SANTOS
Telefone 53 FARO

Os problemas do turismo algarvio foram objecto de uma comunicação do presidente da Comissão de Turismo da Casa do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

tura, de que hoje se estão colhendo os melhores resultados; se fomenta a criação de gado leiteiro e, simultaneamente, o aumento de produção de carnes, etc.

«Porém, como grande parte dos lavradores algarvios desconhece muitos dos novos métodos de cultura, avicultura, etc., torna-se urgente aumentar e intensificar a acção das brigadas técnicas já ali existentes de molde a que estas, em conjunto com os Grémios da Lavoura (que supomos não existirem apenas para cobrar cotas e fazer concorrência ao comércio legalmente organizado) desenvolvam uma intensa campanha, quer através dos referidos Grémios, directamente aos seus associados, quer por quaisquer outros meios, inclusive pela imprensa regional, por onde o lavrador reconheça a enorme conveniência de utilizar os seus valiosos conhecimentos.

«Quanto à carne e ao peixe, há que tomar medidas urgentes. No peixe, por exemplo, uma das soluções seria proibir-se, pelo menos em parte, a exportação em massa de peixe fino para o estrangeiro. De todos são já bem conhecidos os célebres carros frigoríficos de dimensões disformes, que todos os dias vêm às nossas fronteiras receber o melhor do nosso peixe (linguados, salmónetes, pescadas, pargos, robalos, etc.) para o transportar para o estrangeiro, nomeadamente para a Itália, pagando o mesmo por preços verdadeiramente astronómicos. E não se suponha que, dum modo geral, são os pescadores — os homens do mar — os que mais beneficiam de tais preços; são, sim, e mais uma vez, os intermediários, os grandes beneficiados com este negócio.

«Poder-se-á argumentar que são divisas que entram no País. Então condiciona-se a sua exportação de molde a que, nos meses de grande afluência de turistas à Província, a mesma seja total ou parcialmente suspensa, tanto mais que os estrangeiros ali existentes também o pagarão por bom preço, o que corresponderá por igual forma à entrada de divisas. Há, pois, que tomar as urgentes medidas que o caso require.

«Supomos que seria de considerar a construção urgente de três ou quatro câmaras frigoríficas, junto dos centros de maior intensidade populacional e turística, para a construção dos quais deveriam contribuir não só todas as Câmaras Municipais das áreas que as mesmas fossem beneficiar, como ainda, as Juntas e Comissões de Turismo, Organismos de Pesca, Grémio da Lavou-

ra, e, de modo geral todos a quantos interesse a sua criação. O seu rendimento, naturalmente, seria distribuído proporcionalmente às importâncias despendidas pelas respectivas entidades.

A comunicação do presidente da Comissão de Turismo da Casa do Algarve termina com as seguintes conclusões:

a) — Pela forma como se estão processando as vendas de terrenos no Algarve torna-se absolutamente indispensável a criação de medidas urgentes que obstem não só ao retardamento do seu desenvolvimento turístico como aos possíveis prejuízos na sua economia agrícola.

b) — O problema alimentar require, por igual modo, cuidada atenção dos governantes, nomeadamente nas épocas de maior afluência turística, havendo que dotar a Província com os meios necessários para um normal abastecimento.

c) — As instalações dos Serviços dos C. T. T. em grande parte do Algarve e o seu deficientíssimo serviço telefónico requirem urgente actualização, pois o que está serve apenas para nos inferiorizar perante nacionais e estrangeiros.

d) — Os serviços de caminho de ferro, presentemente tão utilizados pelos estrangeiros que se dirigem ao Algarve, carecem duma profunda transformação, pois como presentemente são efectuada as comunicações afastam em vez de atrair o turista.

e) — A criação de redes de esgotos e saneamento é, para o desenvolvimento turístico do Algarve, um dos seus mais importantes problemas pois só com muito asseio e higiene haverá bom turismo.

f) — Numa boa utilização de certas casas apalaçadas do Algarve, para fins turísticos poder-se-á evitar a sua completa ruína e dar à Província melhores condições habitacionais para o aumento constante dos seus visitantes.

Abastecimento de água a Coiro da Burra

Escrevem-nos do Coiro da Burra a lamentar que a população seja prejudicada no abastecimento de água, isto porque todos os dias de manhã alguém da Bordaíra recolhe em bidões a água da bica que abastece a população, ficando esta privada do precioso líquido.

Quem perdeu?

No posto da P. S. P. de Vila Real de Santo António, encontram-se depositados os seguintes objectos que serão entregues a quem provar pertencer-lhe: dois relógios de pulso de homem; dois anéis de ouro; um par de óculos graduados; um passe da C. P. com o nome de Ernesto Luis Teixeira válido até 1967; um par de luvas pretas; e uma pele de cobra.

CRÓNICAS LIGEIRAS

Os congressos

Há coisas que acontecem sem que um homem saiba porque. Acontecem simplesmente. Assim estas «crónicas ligeiras», que deviam nascer três semanas após a última crónica de Verão, aparecem imediatamente no número de hoje, porque, por diversos precalços, aquela ficou retida durante quinze dias na Tipografia por uma irritante falta de espaço. (A falta de espaço nos jornais é um problema continuo. Não haja dúvida que os jornalistas são umas pessoas muito «infelizes». Lutando com todas as faltas que são habituais no mais comum dos mortais, eles lutam ainda com mais esta — a do espaço.)

Vamos directamente ao assunto de hoje — os congressos. Qualquer dicionário, por mais podrezinho que seja, dá uma definição a esta palavra. Assim no meu, que é «ortográfico, ortográfico e etimológico» e cuja sexta edição melhorada (e em rigorosa harmonia com as bases do último acordo ortográfico luso-brasileiro — como se diz na capa, se bem que eu achasse melhor chamar-lhe desacordo ortográfico) saiu aí pelo cair das folhas de 1945, diz-se: «Congresso — reunião solene das câmaras legislativas; reunião de diplomatas, sábios, comerciantes, industriais, associações para negócios de interesse comum, público e internacionais. Só isto. Nem mais uma palavra sequer. A definição está completíssima, se bem que possa desagradar a muita gente que ainda não entendeu perfeitamente o que é isso de congresso, agora tão em voga a propósito de tudo e de nada (ou vice-versa).

Eu, todavia, tenho outros significados, outras definições que guardo só para mim e que não me atrevo a pôr aqui em letra redonda, embora para isso não me falte a vontade. Mas, passemos adiante.

Desde o «congresso dos maridos para defesa das sogras» até ao congresso destas «para protecção dos esposos de suas pobres filhas» realizaram-se recentemente centenas de reuniões, algumas de muito baixo, outras de baixo e ainda outras de alto nível. Verdade seja que proliferaram aquelas de carácter regional, embora não tenham faltado, como é óbvio, as nacionais e até — ó admiração das admiráveis — as internacionais.

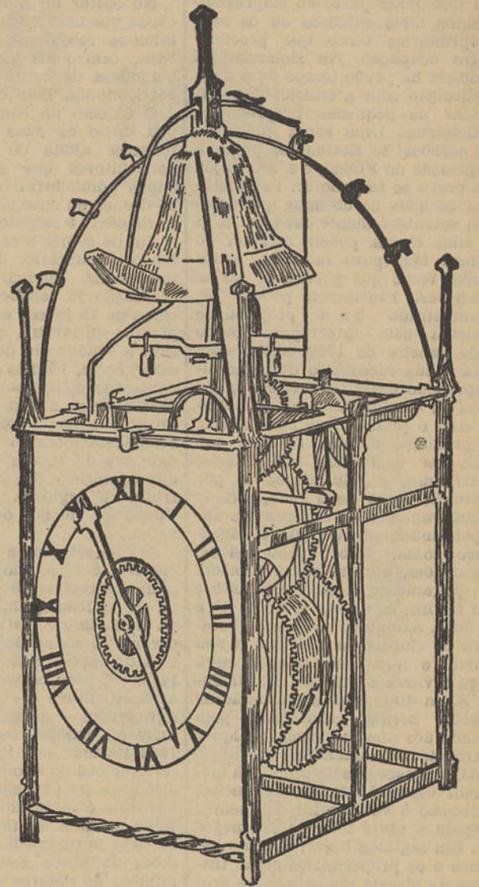
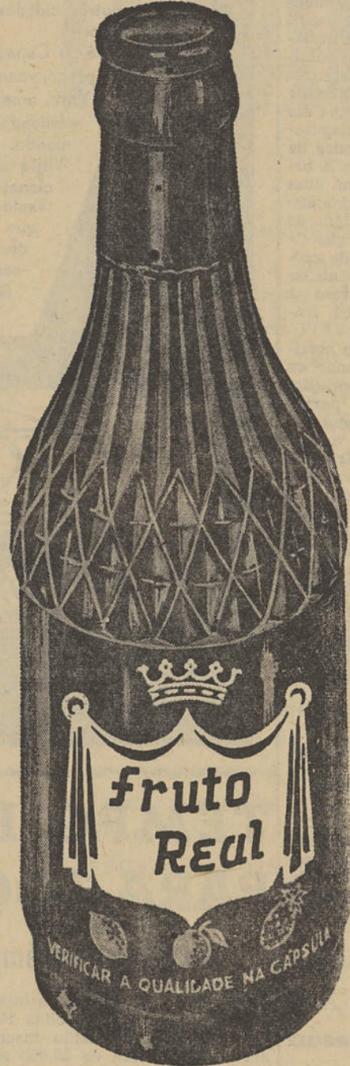
Congressos internacionais ao mais alto nível — onde por vezes, por acaso, o «nível» anda muito por baixo — tem havido poucos. E verdade — foi moda há alguns anos atrás mas tende a desaparecer. Infelizmente (ou sem in, tanto faz). Nestes era habitual tirarem-se conclusões de «extraordinária importância», entre as quais se salientavam a data do próximo encontro e o local escolhido, quase sempre um sítio sossegado, paradisíaco, sem cheiro a bombas atómicas mas sim a fumo de grossos charutos e belíssimas jantaras.

Em contrapartida tendem a aumentar os congressos nacionais. Não admira. É costume as coisas grandes servirem de exemplo às mais pequenas. Para isto ainda servem os exemplos. São os congressistas — o nome, por acaso, soa bem — por via de regra uns sujeitos que já passaram a meta dos cinquenta. E de bom tom, em tais reuniões, fumar-se cachimbo (faz menos mal, dizem) e exibir uma razoável pança. Ah, já me esquecia, também cai bem falar-se, falar-se muito, mesmo que nada se perceba do assunto em causa. E para se falar que se fazem os congressos. E isto é muito importante.

Não menos importantes também devem ser as conclusões. Elas servem para mostrar de modo evidente que valeu a pena realizar o congresso. Vale a pena lê-las. São normalmente publicadas na primeira página dos jornais, continuando (em tipo mais miúdo) nas interiores.

Voltaremos aos congressos. — T. da L.

A QUALQUER HORA



A ÚNICA FÁBRICA NA EUROPA QUE CONCENTRA O SUMO DOS FRUTOS A BAIXA TEMPERATURA. FRUTO REAL, É RICO EM VITAMINAS, PASTEURIZADO, SEM CORANTES NEM CONSERVANTES, TURVO, CONTENDO FILAMENTOS POR SER FABRICADO COM OS PRÓPRIOS FRUTOS E LEVEMENTE GASEIFICADO

Li Sam Pajo 64

Construção de casas de renda económica em Vila Real de Santo António

Efectuou-se, na quarta-feira, na Câmara Municipal de Vila Real de Santo António um concurso para a construção de um agrupamento de casas de renda económica, composto por três blocos que perfazem 42 fogos, na Avenida Duarte Pacheco. A base de licitação era de 2.242.220\$00.

Foram apresentadas três propostas — uma do sr. Avelino Ramalho, de Elvas, de 2.421.247\$00; outra da Intercol, de Loulé, de 2.498.600\$00, e ainda outra da Engil, de Lisboa, no valor de 2.688.000\$00. Estas propostas serão apreciadas superiormente para efeitos de adjudicação.

ESPAÇO DE TAVIRA

ARTE

MUITO se tem escrito e falado acerca da arte em Távira, principalmente no tocante a música e teatro.

Certamente nada iremos acrescentar que apresente a maneira infalível de resolver o problema, se é que de problema se trata, mas também estamos certos que esta modesta crónica, o não irá prejudicar.

Temos apenas em mente dirigir-nos a quem tem responsabilidades neste sector, apelando para a sua boa vontade no sentido de que não deixem morrer uma

actividade que, além dos reflexos que tem no grau de cultura de um povo, na medida em que aumenta esse mesmo grau de cultura, constitui um dos melhores meios de propaganda turística, porquanto a arte é sem dúvida uma das melhores manifestações da boa índole de qualquer grupo étnico.

Faltar-me-á apenas esclarecer que, quando digo que me dirijo a «quem tem responsabilidades», quero englobar o público em geral e, de um modo particular, a juventude, pois é a esta que cabe continuar a obra deixada pelos seus ascendentes.

De facto é pena que a actual juventude despreze sistematicamente tudo o que se não relacione com violas eléctricas, cabeleiras eléctricas (grandes) e cascas de cabedal eléctricas e... é melhor não dizer mais nada porque parece-me que aqui se trata de coisas a mais!

E é pena porque, estamos certos, se os jovens colaborassem Távira reconquistaria aquele lugar a que, em épocas passadas, fez jus.

É claro que há excepções. Mas até da parte dessas não há aquele entusiasmo de outrora, aquela vontade férrea que fazia com que obstáculos aparentemente intransponíveis fossem removidos com um sorriso nos lábios, dando veracidade ao velho ríto que diz «querer é poder».

Na verdade, os actuais amadores, ao primeiro sinal de despolio ou incompreensão baixam os braços e renunciam, quando, dentes cerrados, deveriam continuar sempre em frente, para mostrar aos cépticos, aos críticos de café e a tantos outros, que a corrente «ba-sóficas» que estabelecem não chega para lhes arrefecer os ânimos.

Veja-se o caso do grupo humorístico «TRÍPE», veja-se o caso de Joaquim Rogério, este praticamente já lançado e aquele em vias disso.

E já que falámos do TRÍPE não queremos deixar de lhe fazer aqui uma referência especial, se tal nos é permitido.

Começou, logo nos seus primeiros tempos, a suportar a risota dos tais críticos e, até de uma parte do público. Hoje não suporta crises mas sim gargalhadas estridentes, sempre que se exhibe. E não nos admira que ainda venha a atingir planos de notoriedade no meio artístico nacional.

É certo que, por se tratar de um agrupamento inédito interpretando um género inédito, não nos resta a possibilidade de estabelecer um confronto que nos permita avaliar as suas possibilidades; mas também não é menos certo que, ainda que o mérito artístico seja relativo, os seus números são tão hilariantes que até conseguem fazer rir um ultra-susado como nós.

Mas, retomando o fim à meada, isto é muito pouco para uma terra com as tradições artísticas da bela cidade do Guão.

Urge que se faça algo mais, muito mais, e daí a razão do nosso apelo à juventude para que colabore, pois sem ela não será possível reconduzir Távira ao seu devido lugar, artisticamente falando.

Assim ela corresponda e, estamos certos tal acontecerá. — R. SILVA

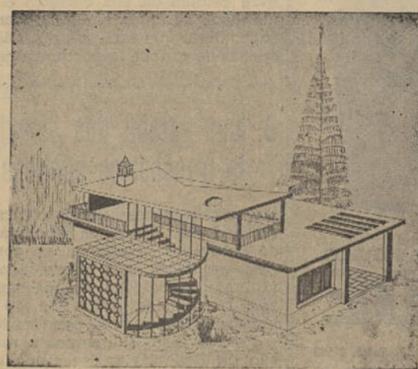


Se V. Ex.ª ainda não conhece os meus artigos faça uma experiência.

NUM SIMPLES POSTAL PEÇA AMOSTRAS

Condições especiais para funcionários públicos Civis ou Militares

HÁ MAIS DE 40 ANOS que esta casa se dedica exclusivamente a fornecer os melhores tipos de lanifícios para fatos de Homem, Senhora e Criança



ALGARVESOL
CONSTRUÇÕES E URBANIZAÇÕES

Portimão - Praça da República, n.º 13
2.º Eq.

Faro - Largo do Mercado, n.º 35
Tel. 1046

Prédio

Vende-se com 1.º andar, servindo de farmácia (Silva) 2 habitações e armazém, esquinhas das Ruas Miguel Bombarda, 21/25 e Cons. Frederico Ramirez, 11/15, com 11,15 m x 16,70 m em Vila Real de Santo António. Trata Artur Horta, B. N. U. — FARO.

ALGOZ

Vende ou trespassa

Estabelecimento de mercearia e café, tendo casa de habitação, situado no melhor local e onde se efectua o mercado mensal.

Trata o seu proprietário António Gonçalves Vieira — Bairro Coelho — Algoz.

CASINO DE ARMAÇÃO DE PÊRA BOITE

Todas as noites desde 1 de Julho c/ música de dança pelo CONJUNTO DE FERNANDO GUERREIRO.

CHAPA ONDULADA DE ALUMÍNIO PARA COBERTURAS

de ALCAN S. A.



- Não oxida
- Não requer pintura nem conservação
- Mais leve, pelo que as estruturas ficam mais baratas
- Reflecte o calor
- Fácil de montar

Distribuidores Gerais para o ALGARVE

MAREFA

Materiais & Representações de Faro, Lda.
Rua Dr. Cândido Guerreiro, 21-B — FARO

Agentes Gerais:

SANTOS MENDONÇA, LDA.
LISBOA PORTO

Revolução na agricultura holandesa

Na Europa integrada, não haverá mais lugar para pequenas e ineficientes propriedades agrícolas. Ou irão fazer parte de empreendimentos mais extensos ou os seus proprietários terão que procurar outra ocupação. Na Holanda, foi fundada há pouco tempo uma nova instituição com a finalidade de liquidar as pequenas propriedades deficitárias. Uma soma inicial de 25 milhões de florins foi posta à disposição do Fundo, e a sua acção em breve se fará notar. Proprietários de mais de 55 anos que desejam voluntariamente dar vida nova às suas terras, podem recorrer ao Fundo. Mas para fazer jus a tal ajuda, terão que preencher certas condições. Precisam provar ter administrado uma propriedade agrícola sem interrupção desde 1 de Janeiro de 1960. Desde essa data a sua renda não deve ter ultrapassado 6.500 florins, dos quais mais da metade deve ter sido obtida com o produto das suas terras. A produção da sua fazenda não pode ter decrescido nos últimos cinco anos, e pelo menos 50 por cento do lucro deve ter provindo exclusivamente da agricultura. Independentemente do que o fazendeiro possa receber pelas terras, instalações, etc., receberá também um pagamento mensal entre 215 e 380 florins, se estiver entre os 55 e 65 anos. Atingindo os 65 anos receberá 80 florins mensais até à sua morte, e a mesma quantia será paga à viúva até ao seu falecimento. Além disso ambos receberão as pensões normais concedidas pelo Estado aos anciãos, como qualquer outro cidadão holandês.

Alguns aspectos do problema merecem especial atenção. Primeiro, a decisão é voluntária: ninguém é forçado a abrir mão de seu negócio. Em segundo lugar, os arrendatários e os proprietários serão tratados da mesma maneira. Esse projecto está ainda dependente da sanção parlamentar mas não há dúvidas de que ambas as Casas do Parlamento holandeses consideram benéfica a instituição do Fundo de Desenvolvimento e Reorganização. Um importante acontecimento do mês de Março foi o acordo que concedeu aumento aos salários agrícolas para as colheitas de 1964-65. Os salários, já acrescidos de 5 por cento em Janeiro, subiram mais 5 por cento no 1.º de Abril. Ao mesmo tempo eram reduzidas as horas de trabalho.

Outros ramos do sector agrícola demonstram igualmente sinais de progresso. Sirvam de exemplo a fixação dos preços das batatas e a estandarização dos preços dos cereais, para a colheita de 1964. Há motivos justificados para se espe-

rar que essa fixação de preços seja possível de obter no Mercado Europeu, para a colheita de 1965.

No sector da horticultura, noticiava-se que uma nova Fundação instalou-se recentemente em Naaldwijk, centro da principal região holandesa de cultura sob o vidro, denominada Tuinbouwzorg.

O objecto da Fundação, que já deu início às suas actividades, é fornecer ajuda de voluntários a horticultores que sintam dificuldades administrativas por motivo de doença ou outros. Um pagamento razoável é exigido em tais casos, a fim de cobrir o salário do trabalhador voluntário, despesas administrativas, seguros e outros. A Fundação já convocou a ajuda de cerca de 15 jovens especialistas em plantas de viveiro, que se dispuseram a ajudar em dois períodos de emergência, 15 dias por ano. A organização citada supervisiona uma área onde se acham instalados 600 viveiros e onde hortelãos têm as suas instalações. A cooperação financeira de alguns bancos de crédito agrícola e dos leilões locais de frutas e legumes permitiram à Fundação iniciar o seu útil trabalho.

Já que estamos a falar de horticultura, é oportuno mencionar os planos actualmente em elaboração, ou já aplicados em várias partes da Holanda, no sentido de estabelecer novas zonas de cultivo e centros de venda. Não é de estranhar tal surto progressivo, uma vez que a horticultura — comparada à agricultura — demonstrou ser mais lucrativa embora os resultados de 1963 tenham sido ligeiramente inferiores aos do ano anterior. Mas a diferença foi pequena e a produção horticola atingiu em 1963 cerca de 1.500 milhões de florins em valor ou seja aproximadamente 150 milhões de libras esterlinas ou 415 milhões de dólares. — S. H. I.

Interesses de Vila Real de Santo António

Acompanhado do chefe do distrito, esteve em Lisboa a conferenciar com o sr. ministro do Interior sobre interesses turísticos de Vila Real de Santo António o presidente deste Município, sr. João Barroso Gomes Sanches.

A actividade no Algarve da firma Mason and Barry

Depois de terem visitado as novas instalações de fundição de fibra de vidro na Mina de S. Domingos, um grupo de accionistas da firma Mason and Barry, Lda., proprietária das referidas minas, esteve em Vila Real de Santo António onde visitou os importantes estaleiros navais, da citada firma. Depois, em Faro, os visitantes ingleses apreciaram as propriedades recentemente adquiridas: o Hotel Aliança e a herdade do Pontal que vai ser utilizada para fins turísticos.

Aberta ao trânsito a nova ponte de Silves

SILVES — Causou regozijo nesta cidade a abertura ao trânsito da nova ponte, pois a provisória construída em madeira ameaçava ruína. Os acessos do lado oeste estão pavimentados, faltando porém proceder-se à pavimentação dos do lado Nascente e à demolição das casas velhas existentes a Norte. — C.



COMPANHIA DE SEGUROS
MUTUALIDADE

Lisboa: Rua 19 Dezembro 101-119, Telef. PPC 325363 • Porto: Rua 56 da Bandeira 52, Telef. 21599

SEGURO NA MUTUALIDADE FICA BEM SEGURO

U.S.A.

Vai aos Estados Unidos?

Voe nos poderosos e confortáveis jactos Super DC-8 da

Canadian Pacific para Montreal

onde encontrará ligações convenientes para Nova York e

outras cidades da América do

Norte.

Vá ao Canadá sem aumento de

preço, voando depois para Nova

York, uma cidade de crepitante

vitalidade, que é por si só um

mundo.

Visite a grande Feira Interna-

cional de Nova York, tirando

vantagem da enorme experiência

que a Canadian Pacific lhe

oferece com transportes ao

serviço do público há mais de

80 anos.



VOE
Canadian Pacific

COMBOIOS / CAMIÕES / BARCOS / AVIÕES / HOTEIS / TELECOMUNICAÇÕES

O MAIS COMPLETO SISTEMA DE TRANSPORTES DO MUNDO

Consulte o seu agente de viagens ou a CANADIAN PACIFIC.

LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 261 - TEL. 56192/3

TEMPO PARA LER E PARA TOCAR MÚSICA

A «liberdade académica» na Alemanha Ocidental

Nas universidades e nos institutos superiores da República Federal da Alemanha estão inscritos actualmente cerca de 29.000 estudantes estrangeiros. Todos eles viram-se confrontados com um sistema de estudos universitários que constitui para eles novidade absoluta. Nem o sistema anglo-saxão, nem o sistema francês, nem todos os demais sistemas conhecem a «liberdade académica», à base dos estudos universitários alemães. O Serviço Alemão de Intercâmbio Académico (DAAD) procedeu recentemente nas universidades a um inquérito subordinado ao tema: A liberdade académica vista por estudantes estrangeiros.

Um estudante de ciências políticas dos Estados Unidos manifestou-se da seguinte maneira: «Liberdade académica significa que o estudante alemão tem a liberdade de escolher as séries de conferências e os seminários que pretende seguir, assim como também de determinar quando quer ir a exame. O estudante numa universidade americana adquire por três grandes exames, que tem de prestar no decorrer de um ano talvez maior disciplina intelectual; por outro lado, um estudante alemão tem mais tempo de pensar e de reflectir. Para um americano é um prazer estudar no sistema alemão que lhe dá tempo de seguir a sua própria curiosidade intelectual».

Uma jovem francesa, que se dedica ao estudo da história, escreveu na sua resposta: «Os estudos (na Alemanha) são mais interessantes do que na França porque se tem de aprender menos de cor e se aprende muito antes a trabalhar cientificamente.» — Um estudante japonês de germanística respondeu com entusiasmo: «Em comparação com as universidades da minha terra, verifico desde logo em que medida a liberdade académica domina toda a vida universitária e como os meus colegas tiram vantagem da livre escolha da sua carreira e da liberdade de mudarem de universidade. Creio que esta solução não é apenas de grande importância para

os estudantes mas que também promove extraordinariamente a investigação científica».

Mas justamente o que os seus colegas louvam, causou certas dificuldades a um estudante de ciências económicas da Indonésia: «No primeiro período lectivo não cheguei a estudar de facto. A minha pergunta: «O que devo fazer?», recebeu a resposta: «Pode fazer o que quiser e como quiser; a universidade está inteiramente a sua disposição». Mas isso é mais simples do que parece. Para se formar uma ideia do sistema alemão de estudos universitários, é preciso colher certas experiências. Os estudos na República Federal da Alemanha exigem maior independência e iniciativa do indivíduo. Só cheguei a conhecer esta independência na Alemanha».

Um estudante de germânicas da Grã-Bretanha também se manifestou positivamente: «Sobretudo em comparação com a minha universidade (Oxford) encontro aqui dois factos impressionantes: a liberdade académica, exaltada com tanta razão e a consequente duração dos estudos universitários. Ambos factores pressupõem uma maturidade intelectual que em muitos casos não existe. Mas o número dos casos positivos parece ser muito elevado. Sobretudo nas questões culturais encontrei muito mais estudantes alemães que neste domínio não dão apenas os primeiros passos mas fazem progressos apreciáveis. Há, por exemplo, muitos colegas que tocam um instrumento de música e que conhecem a literatura contemporânea do seu país. Esta circunstância deve-se, sem dúvida, aos dois factores apontados: que se pode mudar de curso universitário e que se pode estudar até se chegar à convicção de ter adquirido efectivamente uma formação intelectual. — CHRISTA ABEL

Jornal do Algarve

PREÇOS DE ASSINATURA

(Séries de 20 e 50 números)

Continente (séries de 20 n.ºs) 25\$00

Continente (séries de 50 n.ºs) 60\$00

Ilhas, Ultramar e Estrangeiro

(só séries de 50 números)

Ilhas 65\$00

Ultramar 65\$00

Estrangeiro 110\$00

À expedição por via aérea

acrescem os preços dos respectivos portes

Jornal avulso 1\$50

As assinaturas para as Ilhas, Ultramar e Estrangeiro, são feitas com o pagamento adiantado

O HOMEM SUPERIOR

O homem superior não se exalta nem se irrita, mesmo diante das mais mesquinhas provocações.

O homem verdadeiramente superior mantém um controle absolutamente sobre os seus nervos, educados para resistir aos mais rudes golpes do destino.

O homem que é, de facto, superior, não se altera nem pestaneja, mesmo que lhe estalem quatro bofetadas nas bochechas e lhe escarrem na face imperturbável os mais cabeludos insultos.

O homem efectivamente superior fica firme quando todos vacilam. Não se comove quando todos choram. Não rejubila quando todos riem.

O homem verdadeiramente superior não pede nem implora, mas também não lhe aceita um níquel, não recebe uma propina nem permite que se lhe ofereça qualquer coisa, que qualquer de nós, tipos inferiores, aceitaríamos de braços abertos e coração contente.

O homem indiscutivelmente superior não bebe e não fuma. Não escuta rádio. Não se interessa pelo futebol.

O homem cem por cento superior não joga nem forma na fila para tomar o onibus depois do trabalho.

O homem reconhecidamente superior não se vende. Não transige. Nem concorda nem modifica a sua linha inalterável de conduta.

O homem indubitavelmente superior é o orgulho da espécie humana. É o modelo das mais nobres virtudes e o espelho «bisavós» no qual se deveriam mirar os pusilânimes, os fracos, os traidores.

Mas, infelizmente, o homem verdadeiramente superior não existe, se existisse acabaria miseravelmente assassinado, por algum invejoso, ao dobrar distraidamente a esquina, numa câlida madrugada, quando se dirigisse para a bicha da carne. — B. I.

A estranha cidade de Bonn

ao mesmo tempo idílica e febril

BONN — A bonita e relativamente pequena capital da República Federal da Alemanha (145.000 habitantes) é, o que se vê logo à primeira vista, uma cidade de superlativos, e ainda por cima de paradoxos. Dum lado Bonn tem, em cominação com outras grandes cidades, as habitações mais espaçosas, e por outro lado o maior número de fogos de só uma pessoa. Mas isto não significa que em Bonn muitas pessoas só disponham de amplas casas; pelo contrário, os prédios da cidade são mais densamente habitados do que em qualquer outra parte. Esta aparente contradição tem a sua explicação: Bonn mantém o recorde do maior número de sublocatários. A esta circunstância atribui-se o facto de Bonn possuir o maior número de arrendatários, dos quais uma grande porção só tem parte de casa. Simultaneamente, os desfrutadores de grandes rendimentos, tais como diplomatas, funcionários e empregados de alta categoria e os «lobbyistas» dos grandes industriais, são mais densamente sementeados em Bonn do que em qualquer outra cidade. Como estes com toda a certeza não alugam quartos, o aperto nas outras habitações deve ser ainda maior do que o alto número médio indicado.

A multidão de sublocatários compõe-se sobretudo de estudantes e mulheres só. A universidade de Bonn não é a maior da República Federal, mas com quase 13.500 estudantes, perfazendo perto de 10 por cento dos habitantes da cidade, ela tem, comparativamente, o maior número de estudantes. As mulheres trabalham como empregadas nos ministérios e numerosos escritórios que se estabeleceram na vizinhança dos ministérios. 40 por cento das pessoas empregadas são mulheres, e Bonn deve a elas mais um superlativo: é a cidade com o maior excedente de mulheres.

Dos filhos das famílias de Bonn um número maior do que em qualquer outra parte frequenta as escolas superiores, e também o número de alunos que passam no exame final dos liceus representa um recorde alemão. Isto explica-se pelo facto de haver em Bonn muita gente culta que se concentrou na sede do governo e que tem tanto mais influência numa cidade quando esta de per si não é grande e tem pouca indústria. Em relação com o seu número de habitantes, Bonn tem mais telefones e mais automóveis do que qualquer outra cidade.

Há apertos em toda a parte.

Com 46 habitantes por cada quilô-

metro quadrado, Bonn é também a mais densamente povoada grande cidade da República Federal. Apesar disso dá ainda hospedagem a cerca de 300.000 forasteiros por ano. O movimento de turistas na cidade é, portanto, bastante grande, e de 100 forasteiros que lá pernoitam, 40 são estrangeiros. A média destes na República Federal só monta a 7,3 por cento. Por isso necessita-se em Bonn de muitos hotéis, muitas escolas e outras instituições culturais, de muitas habitações, prédios com escritórios, e ruas. Os grandes investimentos destes últimos anos que não são compensados por receitas providas da contribuição industrial, fizeram com que Bonn seja a cidade mais endividada.

No fim de contas esta cidade de jardins e parques, aparentemente idílica, representa um recorde de recordes. Considerando que Bonn no tempo do antigo Reich teve, por entre as grandes cidades, quase a maior quota-parte de agricultores (ocupou o segundo lugar após Erfurt, a cidade da cultura de sementes e flores na Turingia) a mudança febril que nela se operou, torna-se ainda mais flagrante. Uma consequência deste desenvolvimento é o grande número de acidentes de viagem que se dão em Bonn e que subiram ao octúpulo nestes últimos anos.

ELSE SCHLUETER

Trespasa-se

Estabelecimento de fazendas, mercearias e vinhos por motivo de doença.

Quem pretender dirija-se a José Augusto da Silva, Rua Almeida Garrett, 7—Vila Real de Santo António.

O voo das aves

MONCHIQUE — No sítio do Melão, desta freguesia, foi abatido um pardal de asa branca que era portador da seguinte inscrição: «Vogelwart — Helgoland — 0187019».

ALCANTARILHA — O nosso assinante e amigo nesta localidade sr. Joaquim dos Santos Silva capturou uma pequena ave que trazia na pata uma anilha com esta inscrição: «Vogelwart, Helgoland, 0268848».

E. F. J. 51

Rádio Juventud de Aiamonte

Sintonize todas as sextas-feiras na frequência de 212 m. e 1.415 kc., das 16 às 16 e 30.

Um agradável programa em língua portuguesa.

VENDE-SE

Uma propriedade junto a Armazão de Pêra, com área de 23.500 m². Bem situada e com uma esplêndida vista para o mar. Trata Manuel Águas da Ponte, Av. Almirante Reis, 110-3.º — Lisboa.

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve.

Caderneta de Bónus

FIOS PARA TRICOTAR

A. NETO RAPOSO

A Casa que melhor vende lãs para tricotar a preços de fábrica, oferece agora a todas as clientes UMA CADERNETA DE BONUS, válida em todas as compras.

A. NETO RAPOSO

Praça dos Restauradores, 13-1.º-Dt. Telefone 326501
Junto à estação do Metropolitano LISBOA

Enviem-se amostras grátis e encomendas à cobrança

DE LAGOS

Teremos bairros para indigentes e pescadores?

Apesar de problemático, como já referimos, o plano de actividades para 1965, dado que está sobejamente demonstrado que Lagos sem bairros para indigentes e pescadores, não pode vir a dar nota turística que se ajuste às condições naturais que desfruta, temos fé que algo se realize em tal sentido. Pelas recentes reformas tributárias do Estado vai a Câmara Municipal aumentar consideravelmente as suas receitas, o que aliado à derrama de 10 por cento, sobre os contribuintes das contribuições directas do Estado, é de molde a realizações de carácter assistencial, sem as quais continuaremos vendo progredir bairros como o «bairro da lata». Haverá que destinar exclusivamente a obras de assistência a habitual derrama, pois durante a vigência da Câmara transaccata, talvez por débitos aos hospitais que já tinham cabelos brancos, pouco se viu no campo obras, não tendo o Centro de Assistência realizado algo no sentido das instalações privativas de lá muito projectadas. As rotundas de casa asfziam por completo o Centro de Assistência, e é bem desta, convém centralizar tudo que respeite a estabelecimentos assistenciais, que de si paupérrimos, não podem suportar encargos que a dispersão acarreta.

A PESAGEM DE SUINOS NO MATA-DOURO — Graças à forma inteligente como têm actuado os funcionários municipais que velam pelo Matadouro, foi descoberta a manobra de que resultavam prejuízos para os produtores agrícolas que vendiam suínos para serem ali abatidos.

Arduamente se deslocavam pesos ou determinada peça da balança para os «palanços» de alguém que, ainda novo, trabalhava num talho de Lagos.

O caso não se repetirá, estamos convencidos, e como não será fácil averiguar desde quando vem a manobra, deixemos que o apanhado em falta reconside o erro ou erros cometidos e não mais torne a ludibriar.

O presente apontamento mais não visa que lembrar a todos os talhantes a necessidade de se prestigiarem, dando o seu a seu dono, no Matadouro ou ao baleão.

Sabemos que estão sobrecarregados de encargos, mas, procurem libertar-se por meios lícitos, e não lesando os que necessitam estimular para mais e melhor produção. Lutem mesmo para que desapareça o imposto para peste suína, visto não constar que em Lagos alguém tenha aproveitado de quaisquer regalias ao abrigo de tal imposto. Procurem que seja reduzida a taxa destinada à Junta Nacional dos Produtos Pecuários. Enfim, vão buscar onde se acumula sem grande esforço, e não onde a luta é árdua para algo se conseguir.

A VIDA DIFÍCIL DAS FILARMÓNICAS — «A vida difícil das filarmónicas» é o título de bem elaborado artigo de B. Gomes Fombeiro, inserido no *Jornal do Algarve* de 17 de Outubro findo.

Lagos conta uma filarmónica cuja vida é difícil de verdade. É difícil, porque o amor à arte dos sons, vai-se extinguindo para dar lugar ao que é tudo menos música.

Atente-se na doçide que vai pelo mundo fora com os tais «Beatles». Querem coisa mais inaceitável que perder tempo em apreciar os que podendo ter valor de imaginação em artes, praticamente diabólicas, conseguem, prender a atenção de milhares sem os milhões de criaturas? Gastam-se centenas, milhares, senão milhões para ver actuar os «Beatles», mas para ouvir uma filarmónica, dizem que não vale a pena; para a auxiliar monetária ou moralmente, é tempo perdido. E assim, a nossa filarmónica não vive, vegeta, pois é, como já temos referido, barco sem rumo.

Dois ou três filarmónicos carolas procuram que se agente. Mas poderão aguentar-se no balanço por muito tempo? Já remam há dois ou três anos, e se os remos se quebram, não poderá o barco afundar-se? Auxiliemos a tripulação, substituindo-a, metendo-se os tripulantes se mostrarem vencidos, e talvez o barco venha a porto de salvamento. Protejar a navegação de barco que ameaça meter água, não é de aconselhar. Não nos oferecemos para timoneiro porque a nossa resistência é mínima, mas como conhecemos muitos com condição para remar, que surjam a tempo de evitar naufrágio.

NEGOCIAR SEM ARRISCAR, NÃO — Nos tempos que decorrem é tal a ausência de escrúpulo, que se nos deparam a cada momento criaturas que sem possuírem um prego, como o povo diz, negociam propriedades no valor de muitos milhares de escudos, com a mesma facilidade que comem um prato de sopa. De criaturas, regra geral, são dotadas de qualidades de trabalho que não correspondem às de carácter, e este, quer queiramos quer não, é absolutamente necessário para vencermos com honra. Não pode vencer com honra o que não se empenha no cumprimento da sua palavra, e as criaturas que sem terem um centavo seu, se arrojam a empresas de milhares de contos, dificilmente cumprirão a sua palavra, e, conseqüentemente, só vencerão aparentemente. De aparências estamos todos fartos, impondo-se que lutemos para as tornar realidades. E como estas só poderão surgir pelo sacrifício dos irreais, evitemos por todos os meios ao nosso alcance que as criaturas sem escrúpulos, continuem pregando aos quatro ventos as suas conquistas difíceis na verdadeira acepção da palavra, mas fáceis pela forma como expõem os negócios armados no ar, como o povo diz.

Não pormenorizaremos sobre casos desta natureza porque se multiplicam de dia para dia; tão somente esboçamos as presentes linhas no sentido de vermos reduzir o número, das criaturas que por terem qualidades de trabalho, estão convencidas que só estas bastam para levar à certa os incautos.

A COMPANHIA DOS C. F. PORTUGUESES NÃO PODERÁ SERVIR MELHOR? — São constantes os reparos pelas deficiências nos serviços da C. P. a ponto de se atribuírem desastres mortais às mesmas.

Recentemente, veio até nós alguém que visivelmente indignado, não relatou algo que salvo motivos muito especiais, se pode considerar deficiência grave.

vam ao apeadeiro da Meia Praia, só três desembarcaram e o quarto, quando o ia fazer, foi salvo milagrosamente, porque houve quem presentisse a partida da automotora a tempo de impulso que originasse o desembarque. Desejamos estar bem com todos, e como para tanto necessário se torna que acudam às chamadas que na melhor das intenções formulamos, apelamos dos que na C. P. trabalham, espírito de sacrifício, para evitar que tenhamos de voltar a referir algo parecido com o que fica.

As vidas dos nossos semelhantes têm que ser poupadas, o respeito pelos seus direitos, sagrado, pois, caso contrário, todos cairão no nosso desagrado.

UM BURRO QUE VEM DANDO QUE FALAR — Não vão os nossos leitores julgar que nos iremos ocupar dos que no género humano, o povo classifica de burros por dificilmente cedem à razão.

Não, porque tal seria muito grave, visto que sendo elevado o número dos que só entendem razoável o que lhes convém, a solução do problema tornar-se-ia tão difícil que nem centenas de Piscarretas com toda a sua inteligência e saber, conseguiriam resolvê-lo.

Pretendemos apenas ocupar-nos de um burro que é burro mesmo, por irracional, e que ali para os lados do Faiol vem incomodando os municípios com zurras, que a altas horas da noite perturbam o sono das criaturas que muitas vezes terão de se levantar às primeiras horas da manhã para as lides quotidianas. O problema deste burro que nem sequer sabemos a quem pertence, afigura-se-nos fácil de resolver, intimando o dono a retirá-lo para local onde os seus zurras incomodem menos e tal, estamos convencidos, que não se fará demorar, porque as nossas autoridades, desejam o progresso de Lagos, e burros, especialmente desta natureza, temos de concordar, marcam nota retrograda em qualquer localidade onde se fale de turismo.

AS FESTIVIDADES EM HONRA DE S. GONÇALO DE LAGOS — As festividades em honra de S. Gonçalo de Lagos, que decorreram de 16 a 25 do corrente mês, não tendo esmorecido em relação aos anos anteriores, estão longe muito longe mesmo, de atingir o que se possa considerar digno para honrar e descendo de humildes pescadores, foi elevado à categoria de santo, pelas suas virtudes, entre as quais se destaca a caridade.

Houve nas festividades a que assistimos, caridade para com os pescadores? A ausência destes foi notória, pois até

Boletim Informativo da Fundação Gulbenkian

Acaba de vir a lume o n.º 2, série II do magnífico boletim que os Serviços de Bibliotecas da prestimosa Fundação Calouste Gulbenkian editam e no qual os muitos milhares de leitores que em todo o País ocorrem às bibliotecas fixas e itinerantes encontram, além de uma orientação de leitura, apreciável matéria de contacto com as várias tendências e escolas literárias. O número ora em distribuição gratuita insere o seguinte sumário: «O conto e a novela», «Das civilizações orientais à renascença europeia», «Cervantes e a novela picaresca»; «O conto no século XIX»; «O conto no século XX»; «O conto e a novela na literatura portuguesa do século XIX»; «Contistas e novelistas portugueses contemporâneos»; «Alguns contos e novelas»; «Catálogo»; «Movimento das Bibliotecas» e «Notícias da Fundação Calouste Gulbenkian». O aspecto gráfico é magnífico, sendo este boletim mais um bom serviço prestado à cultura portuguesa.

Pensão Arrenda-se

Bem situada, bastante recomendada, arrenda-se a longo prazo.

Informa: Rua Conde de Bivar, 38 — Faro.

Vende-se

Um prédio de 1.º andar em Armação de Pêra, situado na Rua da Porta do Mar, com mercearia. Tratar com Sebastião Vieira Pontes e esposa em Armação de Pêra.

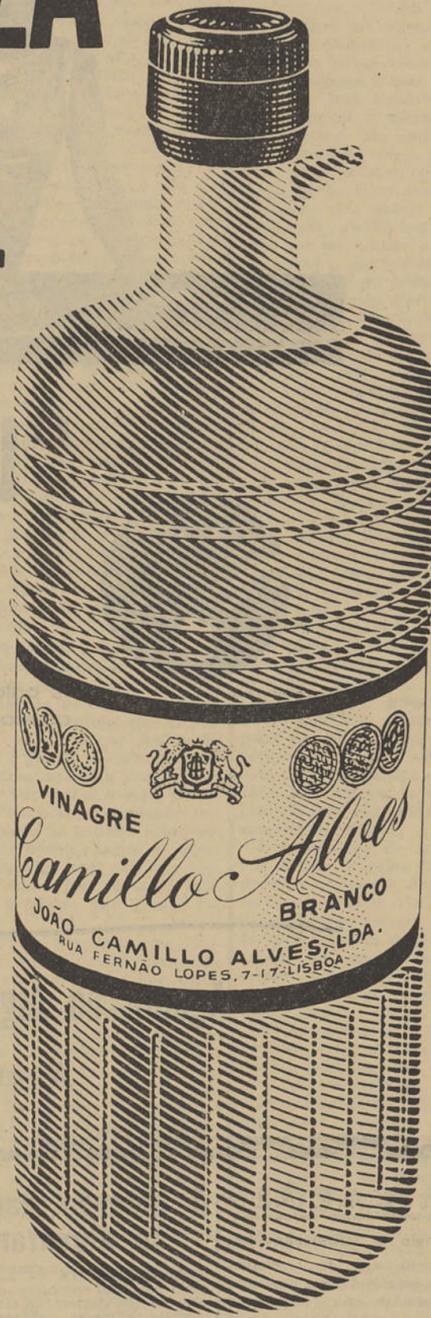
TINTAS «EXCELSIOR»

na condução do andar não nos foi dado destacar um. Soldados do nosso Exército o conduziram. Não condenamos a ideia, mas bem vistas as coisas poderiam soldados e pescadores, irmarem-se para o efeito e até diga-se em abono da razão e da justiça, para todos os efeitos, pois que todos militamos cada um na sua esfera de acção.

O orador que pregou a palavra de Deus, durante 8 dias, consecutivos, vibrou e fez vibrar, mas a assistência no respeitante a Jovencal foi, praticamente nula e quanto a adultos do sexo masculino infima. O signatário não é dos mais assíduos frequentadores da igreja, mas no desejo de fazer ideia do apreço dos lacobrigenses pelo filho mais virtuoso de Lagos, acompanhou as festividades de S. Gonçalo de Lagos e ficou penalizado por constatar que estamos muito longe de saber honrar o pescador que foi santo, e viverá para todo o sempre, na terra, no mar, e até junto de Deus. Talvez por milagre de S. Gonçalo, a tarde da sua procissão foi calma em relação às que a antecederam. Saibamos também, com calma, rogar a Deus com todo o fervor da nossa alma, para mais e melhores festividades em sua honra, mais e melhor preparação para a paz nos lares, numa palavra, mais e melhor preparação para alcançarmos a felicidade eterna.

Joaquim de Sousa Piscarreta

PUREZA TOTAL



Vinagre não é qualquer vinho azedo. Os bons pratos exigem bons vinagres. E um bom vinagre só pode ser feito com um bom vinho. O vinagre CAMILLO ALVES garante alta qualidade porque:

- * É produzido com bom vinho.
- * É agora apresentado também em embalagem plástica especialmente concebida para a protecção da boa qualidade deste bom vinagre.
- * Esta embalagem é fabricada com material estudado e escolhido para assegurar o aroma e frescura do vinagre que V. merece e deve escolher.

VINAGRE CAMILLO ALVES

embalagem especial... pureza total.

Esquentadores

ESTA FAMOSA MARCA JUNKERS

ALEMÃ QUER DIZER:

ÁGUA QUENTE PARA TODA A GENTE, RÁPIDA E BARATA

A GÁS LÍQUIDO (BUTANO OU PROPANO) DESDE 1.850\$00

Junkers

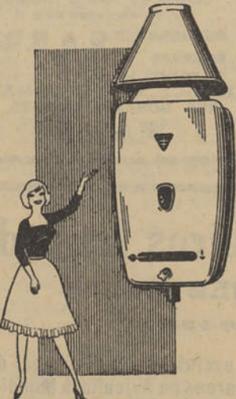
Garante:

- Óptimo funcionamento à pressão normal ou com pequenos depósitos e 1 metro.
- Economia resultante dos seus queimadores especiais.
- Impossibilidade de explosão devido aos seus dispositivos de segurança.

EXIJA O SELO DE GARANTIA DOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS SILVEIRA & SILVA, LDA. RUA DA CONCEIÇÃO, 17-2.º - LISBOA - TELEF. 327475

A VENDA: Nos Agentes das Companhias Distribuidoras de Gás



Festas no Algarve

A Cristo-Rei, em Faro
Conforme determinação do Episcopado Português realizou-se no domingo a festa de Cristo-Rei e que assinala também o início de mais um ano social da Acção Católica Portuguesa.

Na Sé Catedral em Faro, iniciou-se na véspera, pelas 21 horas, uma vigília em que se rezou pelos frutos do Concílio e pelas intenções de Paulo VI e da A. C.
No domingo, e com o templo cheio de fiéis houve às 9 horas missa solene, com alocação apropriada. Grande número de presentes recebeu a comunhão. No fim da missa realizou-se a proclamação e juramento dos novos dirigentes da Acção Católica do âmbito diocesano e das paróquias da Sé e S. Pedro de Faro.

VENDE-SE

Peugeot, em bom estado. Quem pretender dirija-se a José Augusto da Silva - Rua Almeida Garrett, 7 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.

Motor Marítimo

De 90 a 120 HP., usado, em bom estado compra a SOCIEDADE DE PESCA FERNANDO CARLOS, LDA., Apartado 84 - Olhão.

PORTIMAQUEL

Uma nova organização que brevemente preencherá uma falta no abastecimento à construção civil do Algarve, com uma completa gama dos mais modernos materiais de construção e decoração.

Olivetti Portuguesa, Sarl. Empregado

A Olivetti Portuguesa, continuando a ampliar os seus quadros de pessoal, admite empregado para serviço de escritório que reúna as seguintes condições:

Idade, 21 a 27 anos. Habilitações, Curso Comercial ou equivalente. Com a situação militar regularizada.

Resposta à Olivetti Portuguesa, Sarl, Rua Batista Lopes, 2 - FARO.

HAVAS



para um bom repouso

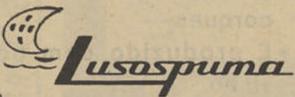
"LUSOSPUMA"

O COLCHÃO DE SONHO MACIOS - HIGIÊNICOS - BONITOS E ANTI-ALÉRGICOS.



COBERTURA COM FECHO "ECLAIR"

O colchão oferece-lhe:



- GRANDE DURAÇÃO LAVAGEM TOTAL E O MAIS BAIXO PREÇO QUENTE NO INVERNO FRESCO NO VERÃO

FABRICADOS COM ESPUMA moltopren

UM PRODUTO Sundlete

SOC. INDUSTRIAL DE PLÁSTICOS - S. MAMEDE DE INFESTA TELEF. 90 09 33 - 90 11 31 - 90 11 87 EM LISBOA: RUA PASSOS MANUEL, 99-C TELEF. 53 85 29-5 61 09

Agente no Algarve: João Uva Sancho, Lda.

Avenida 5 de Outubro, 62 - Telef. 101 - OLHÃO

PUBLICAÇÕES

«Humanidade e Subsistências»

Sob a direcção do sr. dr. J. Emilia... de «Humanidade e Subsistências», órgão da Campanha Mundial da Alimentação...

«Boletim de Minas»

Totalmente refundido e com agradável apresentação gráfica, saiu o «Boletim de Minas», editado pela Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos...

«CIÊNCIA E TÉCNICA FISCAL»

Saiu o n.º 66. Do sumário fazem parte os seguintes estudos: «Cumprimento, não cumprimento e garantias da obrigação de imposto profissional...»

«REVISTA TÉCNICA AUTOMÓVEL»

Saiu o n.º 40 desta magnífica publicação de carácter técnico e qual se ocupa do estudo técnico e prático do Mercedes-Benz.

«VIAGEM»

O último número insere interessante colaboração.

«MERCEDES - BENZ IN ALLER WELT»

Saiu o n.º 68 desta luxuosa revista que é editada em cinco línguas. Além do seu esmerado cuidado gráfico, insere escolhida e alicante colaboração literária da qual destacamos: «A jovem geração da Índia», «Lama terapêutica», «Corte de árvores na Costa do Marfim» e «Passo primaveril por Viena».

«CENTROS COMUNS DE APRENDIZAGEM»

Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra - Compreende o presente caderno, que é o n.º 4, dois trabalhos: um intitulado «Propriedade dos Centros Comuns de Aprendizagem» de António da Cruz Rodrigues, da divisão de formação profissional daquele organismo, e outro sob a designação «Centros de Formação Profissional para Aprendizes Metalúrgicos e Metalomecânicos».

O primeiro é um trabalho de ordem genérica, que se inicia com uma exposição sobre a situação actual do problema da formação profissional inter-empresas e se aplica depois a sumariar as razões por que essa fórmula se vem impondo cada vez mais, face às carências das empresas, sobretudo médias e pequenas, e a uma crise latente ou manifestada da própria noção clássica de aprendizagem industrial. Chama a atenção para um tipo de organização da aprendizagem, até agora totalmente por concretizar entre nós, e que, em muitos países, vem sendo objecto de realizações cada vez mais numerosas: os centros comuns de aprendizagem. Entram...

A limpeza das ruas de Alcantarilha

ALCANTARILHA - Algumas ruas desta povoação encontram-se permanentemente em deplorável estado no que respeita a limpeza, pois certos moradores têm em canalizar para a via pública toda a sorte de desperjeos e águas fétidas. Salientam-se, por serem mais centrais, as ruas Rasquinho, Barão de Alcantarilha e do Lagar e as travessas do Povo, da Audiência à Estrada e do Castelo. Cremos que aos respectivos serviços municipais compete exercer vigilância sobre os moradores destas ruas, os quais são responsáveis pelo estado de porcaria que as caracteriza. Há nesta localidade um encarregado da limpeza que até aqui se tem mostrado zeloso e competente mas que se vê impossibilitado de exercer pressão sobre os que insistem em fazer das ruas autênticos campos de esgoto. Cabe dizer aqui que é bastante insuficiente a remuneração que lhe é atribuída, tanto mais que também está encarregado da limpeza do cemitério.

RUA DR. LOPO ESTAÇO - Esta rua, vulgarmente conhecida por Rua das Palmeiras, uma das mais concorridas da povoação, continua sem o prometido revestimento a betuminoso, que há longos anos se espera e é de necessidade absoluta.

Para estes problemas pede-se imediata solução da parte das entidades responsáveis. - C.



Vilarinho & Sobrinho, Lda.

Janelas Verdes - LISBOA

do na enunciação dos problemas da organização concreta dum centro comum de aprendizagem, apreciam-se os trâmites adequados à boa elaboração dum programa de ensino e fazem-se algumas considerações sobre o problema dos manuais, tão ligado ao dos programas, e sugerem-se as soluções possíveis para o financiamento dos centros e da formação dos monitores, absolutamente vital. Constitui o segundo trabalho o relatório das análises, discussões e estudos duma comissão reunida no âmbito da corporação da Indústria, por iniciativa do Ministério das Corporações, a fim de estudar os problemas da formação profissional no sector das indústrias metalúrgicas do País. «HICKIE BORMAN» - Recebemos esta publicação de carácter turístico, editada em Londres, respeitante ao Inverno de 1964-65. Insere uma página sobre o Algarve, apontando as belezas da nossa costa e fornecendo aos turistas indicações de carácter hoteleiro.

Advertisement for Grimaldi Siosa Lines, offering travel services to Venezuela. Includes text: 'SERVIÇO REGULAR MENSAL Para a VENEZUELA O PAQUETE RÁPIDO "ASCANIA" A sair de LISBOA em 13 de NOVEMBRO'.

DIVERSAS LANIFÍCIOS FLORESTA COVILHÃ

Complete sortido de Invernoro. Grandes descontos. Enviam-se amostras.

Vende-se ou Trespasa-se Óptima casa situada num dos melhores sítios junto à estação dos Carninhos de Ferro da C. P. em Tunes-Gare...

Advertisement for Aviário Valbesteiros Limitada, located in Campo de Besteiros. Includes text: 'Representante e produtor em exclusivo para Portugal dos PINTOS DO DIA de três famosas marcas na Avicultura Mundial: DEKALB CHIX...'.

O salva-vidas «Patrão Joaquim Lopes» teve que acudir a dois barcos encalhados

A semana passada quando regressavam da pesca do biqueirão e devido a ter-se apagado uma bóia espanhola, encalharam num baixio da barra de Vila Real de Santo António, às 20 e 30, a traineira «Nova Libertas» e a sua enxada «Pato Bravo»...

ALGARVE

GOZE O SOL DO SUL DA EUROPA INSTALE-SE NA RESIDÊNCIA MARIM 1.ª classe - Ambiente Selecto Serviço de Pensão completa em colaboração com o RESTAURANTE GARDY

JORNAL DO ALGARVE N.º 397 - 31-10-64 TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António Anúncio

1.ª Publicação O Doutor Manuel Pereira Fernandes Vargas, 2.º substituto do Meritíssimo Juiz de Direito da comarca de Vila Real de Santo António: Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca, correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Manuel Guerreiro, casado, proprietário e Almeirinda Rita, solteira, maior, doméstica, aquele residente em Alcoutim e esta residente em Monte da Fonte Zambujo...

VERIFIQUEI: O Juiz de Direito, 2.º Subst. (a) Manuel Pereira Fernandes Vargas O Escrivão de Direito, (a) Vítor Carlos Pontes Vilão

Vício de fumar Quer perder este vício? Use o ANTI-FUMANTE ABADIAS e no prazo máximo de 15 dias, deixará de fumar. Êxito absoluto. A venda em todas as farmácias do País. Preço 50\$00. A cobrança, mais 4\$00, ou peça-o ao depositário ABADIAS, Trav. de Santa Teresa, 18-1.º, LISBOA-2.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

VELA

COMO VELEJAR COM VENTOS FRACOS

Tendo conhecimento do local onde se realizaram em Novembro as regatas para o «Nacional», e sabendo serem ali frequentes os dias de «calmaria» ou de ventos consideráveis, e ainda porque essa circunstância pode «contribuir» para que os nossos contraristas atinjam a craveira a que justamente aspiram — propuz-me, para já, algo dizer sobre alguns dos aspectos da condução a seguir, se tal situação se verificasse.

Sem dúvida que se me afigura não ser lá muito próprio o termo «velejar» uma vez que não havendo vento, saibamos de antemão tendo por meio de um barco, de atingir determinado ponto.

Em tal circunstância, melhor seria substituir o termo, pela expressão: «Seja o que Deus quiser!».

Mas, como do meio motor as velas fazem parte; como só por meio delas, chegaremos ao tal ponto — a não ser que uma possível corrente líquida nos ajude — a verdade é que ainda mesmo com pouquíssimo vento, tudo teremos de fazer sob a designação «velejar» para que o nosso barco ande.

Ora, num «Nacional» tudo quanto se fizer tem forçosamente de excluir a ideia de «experimentação»; temos sim, de nos valermos dos resultados obtidos nas mil experiências levadas a cabo durante os treinos, e pò-las à prova!

Por esta razão, dada assim uma possível ajuda deste invisível auxiliar, acho oportuno que dos marítimos locais se colham informações, sobre:

a) Verificada a larga com vento fraco, este rapidamente cai.
Se, tal se der, aos poucos todos os barcos perderão o andamento e imobilizando-se o veleiro «bate» com a consequente arrelia das tripulações.

Em Luanda, é quase certo, ter de se contar com uma «ajuda», ou contrariedade — segundo as horas do dia — de um auxiliar que nos pode desembaraçar: as famigeradas correntes tão familiares dos campeões angolanos!

Por esta razão, dada assim uma possível ajuda deste invisível auxiliar, acho oportuno que dos marítimos locais se colham informações, sobre:

Sua localização, extensão, largura e força.
Estes dados, a confirmar pelo competentíssimo pessoal da Capitania, serão tanto quanto possível, após a chegada, e nos locais respectivos, verificados já no barco, pela equipa que nos representa.

Sem dúvida, estes conhecimentos influirão na condução das provas.
Desviando-me um pouco, julgo oportuno prever um facto que não fazendo em abono da verdade, parte de um «plano tático», preconcebido, é sem

Quando muito, ocupar-se a sua «ponta», não vá dar-se o caso de se afastar e... não nos seguirmos!
Contudo, é pouca provável o seu desprendimento da zona paralela à muralha.

Finalmente, resta-nos a situação de brisa soprando pela popa.
A verificar-se ainda mesmo que nos encontremos afastados dos barcos da frente, depressa os apanharemos — pois primeiro sentimos os seus efeitos — ultrapassando-os. É, ali, ao passo que nós já vamos embalados, eles terão que vencer a inércia proveniente da imobilidade.

Porém, por «caimento», pode acontecer não se dar a ultrapassagem, passando sómente a «engrossar» a «molhada». Em qualquer das situações, ao descolarmos deveremos seguir um rumo que nos leve se possível, a ocupar por barlavento, um dos flancos.

Ainda, ao recebermos a brisa deveremos prever se esta nos levará à ultrapassagem dos «testas» e se tal se não der, é preferível vir novo rumo e amurar, não cairmos na barafunda!

Tal atitude, não sendo esperada, «desarma» qualquer um, pelo que, geralmente não é seguida.
Para terminar e seguindo o conceito do povo que nos diz que na casa do vizinho, ele é rei, convém ter presente que com qualquer brisa ou corrente, estes factores serão aproveitados ao máximo pelos nossos ases de Luanda.

dúvida para ponderar, dado que muito tempo rouba.
São expontâneas, naturais, sinceras todas essas provas, mas... altamente prejudiciais para quem — embora possa não parecer, tanto tem para fazer! Há, acima de tudo ter-se presente a razão da deslocação e... com a sinceridade que nos homens do mar é aparádo, sabermos-nos desculpar!

Perdoem os bons amigos de Luanda esta inconfinência.
Em 1.º lugar, há que proceder-se à recepção dos barcos para que «apalpendo-se» o local das provas, se façam as afinações atinentes. Seguidamente, pensar-se no tipo de «capação» a utilizar, se mais do que uma houver...

É, em resumo, um constante e permanente «estar-se» junto do barco em que correremos.
Mas, voltemos à situação (a). Imobilizado mais ou menos o nosso barco em relação ao fundo, dizíamos, tudo desde o rumo a seguir deve ser esquecido, para pensarmos sómente na possibilidade de tal situação sairmos.

Ora, é nesta altura que uma eventual corrente nos pode auxiliar.
Se, próximo ela existir e nos leve na direcção da baliza a rondas, tentaremos a sua influência até que sintamos a sua influência.

Se na permanente e constante observação da superfície líquida — próximo da muralha — verificarmos que uma ligeira brisa aí sopra, não hesitar mesmo com novo rumo, a nela nos metermos.
É que ao verificar-se, não raro deixa de se prolongar até ao largo, levando-nos à falta de melhor, a alcançarmos a baliza ou balizas do percurso. Há sómente, com tal ajuda necessidade de se conjugar a direcção dessa possível brisa, com a da corrente.

Embora não pareça, desta conjugação pode depender o resultado final.
Do conhecimento de todas as tripulações é o facto que se observa na superfície líquida quando «chega» o vento. A água, parece «ferver» formando ondulações. Este fenómeno, pode ser «local» ou ter o «car» de passageiro.

Se, com o «ar de passageiro», a sua direcção for a nossa, mais não há a fazer do que com qualquer amura, recebermos o «passageiro» — e deixar que nos leve.
Se o «ar» tiver o aspecto local, é indicio de que... só nos resta esperar!

É possível, que parte do percurso seja paralelo à muralha da avenida marginal e não distante desta. Se tal se der, convém ter presente que raramente a brisa nessa condição, é extensiva ao largo.
Quando muito, ocupar-se a sua «ponta», não vá dar-se o caso de se afastar e... não nos seguirmos!

Contudo, é pouca provável o seu desprendimento da zona paralela à muralha.
Finalmente, resta-nos a situação de brisa soprando pela popa.

A verificar-se ainda mesmo que nos encontremos afastados dos barcos da frente, depressa os apanharemos — pois primeiro sentimos os seus efeitos — ultrapassando-os. É, ali, ao passo que nós já vamos embalados, eles terão que vencer a inércia proveniente da imobilidade.

Porém, por «caimento», pode acontecer não se dar a ultrapassagem, passando sómente a «engrossar» a «molhada». Em qualquer das situações, ao descolarmos deveremos seguir um rumo que nos leve se possível, a ocupar por barlavento, um dos flancos.

Ainda, ao recebermos a brisa deveremos prever se esta nos levará à ultrapassagem dos «testas» e se tal se não der, é preferível vir novo rumo e amurar, não cairmos na barafunda!

Tal atitude, não sendo esperada, «desarma» qualquer um, pelo que, geralmente não é seguida.
Para terminar e seguindo o conceito do povo que nos diz que na casa do vizinho, ele é rei, convém ter presente que com qualquer brisa ou corrente, estes factores serão aproveitados ao máximo pelos nossos ases de Luanda.

Tudo extenso, é certo. Mas, sem o auxílio de desenhos, não é mais possível por agora. Aliás, mais não pretendo que lembrar aos nossos rapazes, hipóteses possíveis. Tudo o que digo, é do seu conhecimento.
E, até breve.

DOMINGOS DE LIMA RIBEIRO

V Campeonato Regional de Snipes

Em sessão solene, que se realizou amanhã, pelas 18 horas, na sede do Sport Faro e Benfica, serão entregues os prémios do V Campeonato Regional do Sul da classe snipe.

Farense, 2 — Cova da Piedade, 0

Não convenceu o triunfo dos algarvios...

...porque os «leões» da capital algarvia não produziram acção concertada com as suas ambições e com os desejos dos seus prosélitos.
Realmente o Farense esteve longe de ser uma equipa consciente e estruturada, vivendo dos esforços isolados das suas unidades sem uma nota de entendimento e ligação de sector para sector.

Felizmente que os piedenses, embora mais vistosos no meio do campo estiveram assim como que uma dispersão de actividade e de tal facto se revestiu o rendimento global do «conze», incharacterístico e pouco propenso a situações de golo.

Alm. da, 1 — Olhanense, 2

Impôs-se a melhor técnica

Desp. Beja, 1 — Portimonense, 0

O ataque algarvio revelou-se

As actividades desportivas da F. N. A. T. no Algarve

A FNAT promoveu na época finda, no Algarve, duas competições desportivas — futebol e ténis de mesa — que foram disputadas com entusiasmo e que despertaram vivo interesse.

Não foram muitas as equipas concorrentes, dado que era o primeiro ano que tinham lugar provas deste género na nossa província.

Entre anúncios aliantes convidando toda a gente a gozar um Inverno cheio de sol, encontrei em «READE'S DIGEST», Setembro de 1963, em edição inglesa, a última descoberta: O ALGARVE!

Entre anúncios aliantes convidando toda a gente a gozar um Inverno cheio de sol, encontrei em «READE'S DIGEST», Setembro de 1963, em edição inglesa, a última descoberta: O ALGARVE!

Entre anúncios aliantes convidando toda a gente a gozar um Inverno cheio de sol, encontrei em «READE'S DIGEST», Setembro de 1963, em edição inglesa, a última descoberta: O ALGARVE!

Entre anúncios aliantes convidando toda a gente a gozar um Inverno cheio de sol, encontrei em «READE'S DIGEST», Setembro de 1963, em edição inglesa, a última descoberta: O ALGARVE!

Entre anúncios aliantes convidando toda a gente a gozar um Inverno cheio de sol, encontrei em «READE'S DIGEST», Setembro de 1963, em edição inglesa, a última descoberta: O ALGARVE!

Entre anúncios aliantes convidando toda a gente a gozar um Inverno cheio de sol, encontrei em «READE'S DIGEST», Setembro de 1963, em edição inglesa, a última descoberta: O ALGARVE!

Entre anúncios aliantes convidando toda a gente a gozar um Inverno cheio de sol, encontrei em «READE'S DIGEST», Setembro de 1963, em edição inglesa, a última descoberta: O ALGARVE!

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Portimão na Casa Inglesa.

O MEU ALENTEJO

Só agora muito tardiamente se começa a falar — nas esferas oficiais e particulares — do Alentejo, só agora se começa também a reconhecer e fazer justiça aos intrínsecos merecimentos e valor que esta província — a maior do Portugal metropolitano — representa para a vida económica do País que, sem este grande Alentejo, aliás quase sempre votado a um lamentável ostracismo, não pode viver nem dele pode prescindir.

Pois é verdade, só agora se vai reconhecendo o crasso e gravíssimo erro que se tem cometido olvidando o Alentejo, este Alentejo afinal que é negavelmente o celeiro e sustentáculo de Portugal, porque é negavelmente também este Alentejo quem alimenta com o seu prodigioso e milagroso poder de produção todo o povo português. Todavia e embora sendo assim e achando -se com todo o direito a ser atendido nas suas mais justas reclamações, temos como singularmente certo que o referido ostracismo se manteve quase sempre, e inalteravelmente incompreendido nos seus prementes desejos e anseios.

Tarde ou cedo, a Justiça vem sempre ao nosso encontro embora, como agora acontece, chegue tarde. E ao fazermos esta afirmação baseamos-nos no fundamental direito que temos como alentejano, que com muito orgulho somos, de verificarmos que o tal ostracismo a que a mais rica província da metrópole foi votada e que originou o êxodo da sua quase total gente trabalhadora do campo, se mantém, facto este dum gravidade e complexidade ímpar, que muito tem contribuído para maior agravamento da vida económica da província, quicá do País, pois esses mesmos trabalhadores, reconhecendo a péssima remuneração do seu valioso trabalho abandonam as suas terras em procura de outros lugares onde são melhor remunerados. E esta singular circunstância que todos reconhecem ser gravíssima contribui inofensivamente para o mal estar geral que a todos afecta e se reflecte portanto na economia geral do País.

Reunem-se uma vez, outra e outra, os elementos mais preponderantes da lavoura com o fim de discutirem os seus problemas. Desas reuniões ressaltam protestos e concebem-se ideias de salvação da mesma lavoura a apresentar aos poderes constituídos. Tais protestos e ideias de salvação todos as conhecem através dos clamores e das trombetas da nobre Imprensa, esta sempre pronta na defesa de justos interesses, que traz para público

tais problemas. Todos portanto acompanham estas fases da lavoura alentejana mas infelizmente as providências a tomar não têm sido aquelas que a grave crise que se atravessa e se agrava de dia para dia impõem, pois se não tem passado de meros paliativos que nada de concreto e de positivo resolvem para bem da comunidade.

Bem clamam os organismos que dirigem e orientam a lavoura alentejana, mas de tais clamores e reuniões nada mais se sabe a não ser os tais paliativos que nada resolvem e nem sequer remedeiam, pois o estado geral de agravamento mantém-se impávido e sereno como se tudo corresse às mil maravilhas, qual varinha de condão a deshumbrar-nos com efémeras ilusões. Ora isto não está certo e como tal forçoso é que venham rápidas providências sob pena de tudo e todos socobramos à míngua da chegada de tais providências.

O Governo na sua permanente dedicação aos interesses gerais do País não se tem debruçado com afinco sobre este problema da lavoura alentejana, dado que outros problemas equacionados e também de certa gravidade o assoberbam. Mas, como é óbvio, é necessário que rapidamente lhe dedique toda a sua melhor atenção, antes que seja tarde, pois como todos sabemos o tempo não perdona.

Estamos já nas proximidades do começo dum novo ano agrícola e as perspectivas que se nos deparam, nas afirmações gerais de todos os lavradores do Alentejo, são as piores visto que o ano que findou foi péssimo e o que se aproxima muito mais péssimo será se a tempo e horas se lhe não deitar a mão, isto é, se não se auxiliar convenientemente o pequeno e grande lavrador. Nestas emergências todas de estranhar e lamentar será que tais providências não sejam tomadas consoante a urgência que o caso requerere?

Não damos novidade que ninguém não saiba dizendo das dificuldades e agruras por que estão passando todos aqueles que à lavoura se dedicam e dela vivem e os seus familiares, principalmente o pequeno e o médio rendeiro que, se a seara o não vem salvar de situação grave e difícil mal dirá da sua vida. Isto quanto ao pequeno e médio rendeiro, pois se nos voltarmos para o grande lavrador as dificuldades não são menores não obstante os seus capitais, sendo talvez ainda mais melindrosa a sua situação pela falta de braços, pelas razões que atrás apontamos. Difícil

de, tendo viajado quase todo o mundo dispunham-se a descobrir o Algarve, tão entusiasticamente descrito por alguns dos seus amigos, que como eles viviam ultimamente no Quênia, em casas de madeira, no meio da selva africana.

por B. GOMES POMBEIRO

de, tendo viajado quase todo o mundo dispunham-se a descobrir o Algarve, tão entusiasticamente descrito por alguns dos seus amigos, que como eles viviam ultimamente no Quênia, em casas de madeira, no meio da selva africana.

Chegaram à hora do jantar. Escolheram a Estalagem Miradouro, para repousarem nessa noite — a primeira!

Solicitou, acercou-se o empregado de mesa, exibindo do alto dos dedos — como leque em mão de dama caprichosa — a ementa, que naturalmente estava escrita em português.

O casal deu voltas e reviravoltas ao rectângulo branco com caracteres impressos que nada lhes informavam, e já fatigados resolveram servir-se de outros meios para escolher o repasto. Chanaram de novo o jovem e apontaram para determinada linha. Com os conhecimentos linguísticos adquiridos em muitas viagens, a senhora Willis perguntou:

«Chicken?» — (frango, em inglês) — O Brás abanou a cabeça negativamente.

«Poulet?» — (o mesmo, em francês) a mesma resposta.

«Pollo?» — (em espanhol) o mesmo silêncio. Já com o seu vocabulário exausto, a senhora usou medidas extremas de linguagem, e disse em voz delicada:

«Có-có-ró-có?» — tentando imitar um galo.

Foi como se um raio de entendimento tivesse atravessado a mente do Brás, um sorriso lhe alargou toda a face, e rodou sobre os calcinheiros, solicitado a demandar à cozinha o pedido dos recém-chegados.

Dai a alguns largos minutos surgiu com ar triunfante com uma travessa farta, bem recheada de batatas fritas, agriões, arroz, azeitonas e no meio, como coluna de Babel (um «storneddo») formado com várias fatias de carne de vaca, carneiro, porco, galinha, e no topo um trepidante ovo estrelado!...

e complexa é a situação de tão grave problema, pois o lavrador embora à custa de mil sacrifícios não pode evidentemente acompanhar os altos salários que é necessário pagar a quem trabalha e arroteia as terras visto que estas, pelo abandono de tratamento, originado tal abandono pelas circunstâncias do tal ostracismo a que foi votado o Alentejo, não produzem o que é indispensável e necessário produzir. Dir-se-á que estamos metidos num beco sem saída, tão complicadas e complexas as coisas e os factos se apresentam, tudo causa dum abandono que nunca se justificou senão pela apatia inata do alentejano que não soube a tempo e horas impor a sua autoridade e razão neste assunto de tanta importância e transcendência. Por isso todos estamos agora a sofrer-lhe as tristes consequências, que serão desastrosas se uma onda de bom senso não perpassar pelo cérebro de quem bem saiba orientar e discernir com inteligência e humanismo tal problema, devendo todos lembrar-se que não podem passar sem o Alentejo, esse Alentejo que os alimentará com o pão mais saboroso do mundo — destaca-se com propriedade, a vila de Serpa — na autorizada opinião dum consagrado escritor e jornalista português conhecedor das cinco partes do mundo. Isto são verdades incontestadas e de alta importância para a sobrevivência de nós todos. Isto são também verdades construtivas que devemos respeitar e ter em consideração.

O Alentejo, principalmente o Baixo Alentejo, precisa que olhem para ele, não com olhos de misericórdia mal compreendida, mas sim com olhos de Justiça com J matúsculo. Não cerrem os olhos a estes dizeres, que são, aliás, expressivamente verdadeiros.

Honramo-nos de ser alentejano (de Serpa) e como tal temos por dever e obrigação defender os interesses de todo o Alentejo, terra de promessa sempre posta à parte pelos poderes constituídos. Pretender-se-á, agora, reparar ou remediar o mal? O tempo, testemunha principal que nunca falta nem nunca mente, o dirá.

Recentemente e pelas instâncias oficiais foram distribuídos 300 mil contos para a lavoura, afirmando-se que tal importância foi, injustamente, distribuída só pela lavoura alentejana, olvidando-se a restante lavoura do País. Custa-nos a acreditar que assim tenha acontecido. Mas, acontecesse ou não, estes citados 300 mil contos, não resolvem o problema cruciante da lavoura do País e nomeadamente a do Alentejo. É que as mazelas precedem de muitos anos e quase são incuráveis se não aparecer qualquer alveitar que acerte com a cura.

Recentemente e pelas instâncias oficiais foram distribuídos 300 mil contos para a lavoura, afirmando-se que tal importância foi, injustamente, distribuída só pela lavoura alentejana, olvidando-se a restante lavoura do País. Custa-nos a acreditar que assim tenha acontecido. Mas, acontecesse ou não, estes citados 300 mil contos, não resolvem o problema cruciante da lavoura do País e nomeadamente a do Alentejo. É que as mazelas precedem de muitos anos e quase são incuráveis se não aparecer qualquer alveitar que acerte com a cura.

Recentemente e pelas instâncias oficiais foram distribuídos 300 mil contos para a lavoura, afirmando-se que tal importância foi, injustamente, distribuída só pela lavoura alentejana, olvidando-se a restante lavoura do País. Custa-nos a acreditar que assim tenha acontecido. Mas, acontecesse ou não, estes citados 300 mil contos, não resolvem o problema cruciante da lavoura do País e nomeadamente a do Alentejo. É que as mazelas precedem de muitos anos e quase são incuráveis se não aparecer qualquer alveitar que acerte com a cura.

Recentemente e pelas instâncias oficiais foram distribuídos 300 mil contos para a lavoura, afirmando-se que tal importância foi, injustamente, distribuída só pela lavoura alentejana, olvidando-se a restante lavoura do País. Custa-nos a acreditar que assim tenha acontecido. Mas, acontecesse ou não, estes citados 300 mil contos, não resolvem o problema cruciante da lavoura do País e nomeadamente a do Alentejo. É que as mazelas precedem de muitos anos e quase são incuráveis se não aparecer qualquer alveitar que acerte com a cura.

Recentemente e pelas instâncias oficiais foram distribuídos 300 mil contos para a lavoura, afirmando-se que tal importância foi, injustamente, distribuída só pela lavoura alentejana, olvidando-se a restante lavoura do País. Custa-nos a acreditar que assim tenha acontecido. Mas, acontecesse ou não, estes citados 300 mil contos, não resolvem o problema cruciante da lavoura do País e nomeadamente a do Alentejo. É que as mazelas precedem de muitos anos e quase são incuráveis se não aparecer qualquer alveitar que acerte com a cura.

Recentemente e pelas instâncias oficiais foram distribuídos 300 mil contos para a lavoura, afirmando-se que tal importância foi, injustamente, distribuída só pela lavoura alentejana, olvidando-se a restante lavoura do País. Custa-nos a acreditar que assim tenha acontecido. Mas, acontecesse ou não, estes citados 300 mil contos, não resolvem o problema cruciante da lavoura do País e nomeadamente a do Alentejo. É que as mazelas precedem de muitos anos e quase são incuráveis se não aparecer qualquer alveitar que acerte com a cura.

Recentemente e pelas instâncias oficiais foram distribuídos 300 mil contos para a lavoura, afirmando-se que tal importância foi, injustamente, distribuída só pela lavoura alentejana, olvidando-se a restante lavoura do País. Custa-nos a acreditar que assim tenha acontecido. Mas, acontecesse ou não, estes citados 300 mil contos, não resolvem o problema cruciante da lavoura do País e nomeadamente a do Alentejo. É que as mazelas precedem de muitos anos e quase são incuráveis se não aparecer qualquer alveitar que acerte com a cura.

Basquetebol no Algarve

por JOSÉ DOURADO

Por acordo entre o Grupo Desportivo da Casa dos Pescadores de Portimão e o Sporting Clube Olhanense e sob sanção da respectiva Associação, a 2.ª jornada do Regional de 1964-65 na categoria de seniores, teve início na passada quinta-feira no campo da casa dos Pescadores de Portimão que assim se inaugurou com o primeiro jogo oficial. O encontro entre as duas equipas referidas, antevia-se facilmente para o clube de Olhão, pelo que este se apresentou desconfiado e sem qualquer preocupação. A única curiosidade consistia apenas no score que o Olhanense poderia vir a obter. Se bem que todas as previsões se viessem a concretizar, é de salientar o entusiasmo e o apego que os «Pescadores de Portimão» puseram na luta, conseguindo apesar de tudo dar vida ao jogo desenvolvido em ambas as partes. Assim ao intervalo o marcador acusava 9-41 favorável aos olhanenses, resultado que no final era de 19-55. De salientar será sem dúvida o score atingido pelo habilíssimo Luis D. O que obteve neste encontro 52 pontos.

As equipas alinharam e marcaram: G. D. C. Pescadores de Portimão — Cabrita, Vicente (2), Madeira, Pacheco (4), Duarte (1) e Hélder (2). S. C. Olhanense — Luis D. (52), José Manuel (6), M. Brito (7), Daniel, Hermógenes (2), Benício (4), Fernando, Telesforo e Samuel (24).

No domingo, em Olhão, disputou-se o encontro mais importante desta jornada e que pôs frente a frente as equipas do Ginásio Olhanense e do Portimonense. Se bem que na jornada inaugural o Ginásio tivesse obtido pouca resistência ao Olhanense, a entrada de Domingos Viegas para a equipa «verde» veio dar-lhe maior coesão e mais valia técnica.

Após equilíbrio na partida no marcador durante os primeiros dez minutos, surgiu uma maior vontade de vencer na equipa barlaventina que um décimo minuto, altura em que já vencera por 30-20. Daqui por diante, os encastamentos verificados pertenceram quase alternadamente a uma e outra equipa, pelo que a diferença final do marcador era sensivelmente a mesma atrás notada. Assim o Ginásio venceu uma boa vitória, de certo modo inesperada, mas que não surpreendeu os que assistiram ao encontro, pela marca de 44-32.

As equipas alinharam e marcaram: Ginásio — Domingos Viegas (10), Fernando Nunes (8), J. Gomes (7), Renato (6), Serafim e Benício (4). Portimonense — António Feu (10), Vítor Lima, Figueiredo (8), Jesuino, Carlos Braga (4), Rogério, João Sousa (4), Daniel Amaro (6) e José Campos.

Nos restantes encontros, verificaram-se os seguintes resultados: Imortal, 30 — Os Olhanenses, 45 (9-32 ao intervalo); Farense, 83 — Os Bonjanenses, 26 (36-11 ao intervalo).

TOTOBOLA (o nosso prognóstico)

9.º Concurso (8-11-1964)

1.ª Divisão	
Braga-Belenenses	2
Académica-Benfica	x
Cuf-Porto	2
Leixões-Varzim	1
Sporting-Setúbal	1
Lusitano-Seixal	x
Torriense-Guimarães	2
2.ª Divisão	
Oliveirense-Peniche	1
Feirense-Beira-Mar	1
Salgueiros-Covilhã	2
Beja-C. da Piedade	x
Oriental-Olhanense	2
Atlético-Barcelense	2

J. RITA REIS

J. Álvarez Sénior

Inauguração de importantes instalações industriais na Gafanha (Aveiro)

HOJE, às 12 e 30, na Gafanha (Aveiro), com a presença de membros do Governo, governador civil do distrito e outras altas individualidades, realiza-se a inauguração de uma fábrica de conservas de peixe, numa secagem artificial de bacalhau e das instalações sociais da Empresa de Pesca de Aveiro, a cujo conselho de gerência preside o nosso estimado amigo sr. Egas da Silva Salgueiro, industrial a quem o País deve altos serviços no incremento e aperfeiçoamento das actividades piscícolas.



BELOSAN

Crema hidratante dá à pele dose de humidade necessária à rehidratação das células. Particularmente indicado para peles sensíveis e alérgicas, pode ser usado de dia e de noite.

M^{me} Campos

AV. DA LIBERDADE, 35-2/
RUA ALEX. HERCULANO, 2º

João Mercante Ferro
Médico Especialista

DOENÇAS DAS CRIANÇAS
Consultas diárias das 10 às 12 e das 16 às 18 horas

Rua Capitão Carlos Meadorça, 1-1.º
Telefones { Consultório 277
Residência 548

OLHÃO

Hotel Vasco da Gama
Monte Gordo

ABERTO TODO O ANO

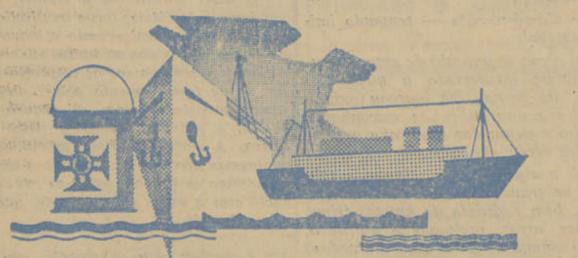
1.ª CLASSE - A - 300 QUARTOS

RESTAURANTE - BOITE - BAR - PISCINA

TELEF. 321-322-323

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TINTAS PARA navios
FÁBRICA de TINTAS e VERNIZES
EXCELSIOR



de J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAVESSA DO GIESTAL, 4 - LISBOA

Quem são os valentes?

QUANDO, em Fevereiro deste ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, a entidade sobre quem recaia o peso da responsabilidade respectiva, anunciou não poder realizar as tradicionais e velhinhas Batalhas de Flores de Loulé, logo um mar clamoroso de revolta se levantou contra tal atitude que a nós nos não coube comentar na altura, e muito menos agora.

Mas... um pouco curiosos por estas coisas do Algarve e amando muito a nossa terra, tomámos nota dos desabafos então proferidos, quer em troca de comunicados, como se existisse uma guerra entre nações, quer em prosa vinda a público nos jornais da Província, quer ainda nas frases proferidas de viva voz, atiradas aos ouvidos de quem as quisesse ouvir.

E apareceram, na ocasião, os tais valentes, os tais que só falam quando nada têm a perder ou quando a sua presença já não é precisa para nada. E blasfemaram contra a falta dos cortejos carnavales-

cos a qual (no dizer deles) lhes acarretou prejuízos (é aqui o ponto nevrálgico da questão!), porque, não sendo feitas as Batalhas de Flores, muitos forasteiros deixaram de vir ao Algarve e, deste modo, não meteram nas suas algibeiras alguns milhares de escudos. Até aqui, tudo certo!

A efervescência foi morrendo naturalmente, as alterações ondas foram acalmando e, por fim, tudo caiu na placida quietude do silêncio e do esquecimento. Até que...

... até que alguns jornais hebdomadários do distrito, pelo aparato dos seus redactores ou dos seus correspondentes, alertaram o problema e o trouzeram ao cima das suas preocupações. Faz-se ou não se faz o Carnaval de Loulé de 1965? Não nos consta, neste momento presente, que qualquer pessoa ou entidade com possível responsabilidade no desiderato tivesse informado fosse do que fosse sobre o caso (ter-se-iam esgotado os comunicados tão espalhados à folha larga,

em Fevereiro passado?)

Não é aqui, todavia, que queremos chegar. Aonde pretendemos ir com esta desataviada lenga-lenga é um pouco mais longe. É exactamente chegar perto dos «valentes» de há oito meses e perguntar-lhes por que razão não aparecem agora a querer saber se há ou não batalha e, havendo a possibilidade da sua realização, porque não oferecem os seus préstimos, sollicitamente, à respectiva Comissão Organizadora?

Os tais valentes que falaram depois dos factos consumados, deviam aparecer agora, imbuídos da mesma boa vontade de que se fizessem os Cortejos. E de boas vontades que Loulé precisa, certamente, e o seu Carnaval. De boas vontades sinceras e desinteressadas, entendendo-se, já que os lucros, quando os há, se destinam a uma obra de beneficência de que toda a Província, em parte, beneficia.

Que apareçam, pois, os tais valentes!

DINIZ AMARO

Palavras do sr. ministro das Obras Públicas que arquivamos com prazer

(Conclusão da 1.ª página)

cas, ao discursar para enaltecer e se congratular com os importantes melhoramentos que se estavam a inaugurar, disse:

Cumpro muito gostosamente o dever de exprimir o apreço e a gratidão do Governo Português às distintas entidades que com tão prudente critério e tão notável eficiência serviram os interesses dos dois países. Esta circunstância constitui seguramente o mais feliz augúrio do bom êxito na continuação da sua tarefa, em boa hora ampliada, por acordo mútuo dos nossos Governos, a outros problemas de aproveitamento dos troços internacionais ou fronteiras dos rios peninsulares, com menção especial para o Tejo e o Guadiana. Fazemos votos por que nesta nova fase da sua actividade, a comissão com os técnicos espanhóis e portugueses obtenha o mesmo sucesso e que tenhamos muito em breve novas oportunidades para encarecer o merecimento do seu esforço, tal como hoje fazemos com tão manifesta justiça.

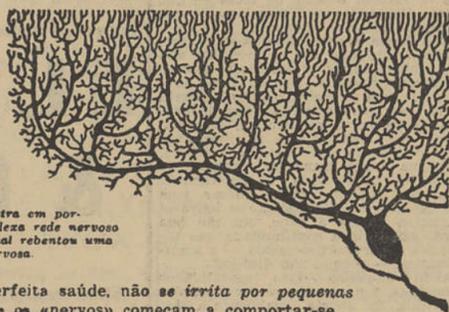
Subentende-se que ao pronunciar estas palavras o sr. eng. Arantes e Oliveira não se esqueceu da barra do Guadiana, objecto de interesse dos Governos dos dois países.

FUNCIONALISMO PÚBLICO

Foi nomeado escrivão de 2.ª classe do Tribunal da comarca de Tavira, o sr. José Silvestre Malveiro do Carmo, escrivão de 2.ª classe interino da comarca de Portimão.

Irritável?

acuse os seus nervos



Este desenho mostra em menor uma complexa rede nervosa do cérebro, na qual rebranta uma delicada fibra nervosa.

Se está de perfeita saúde, não se irrita por pequenas coisas. Mas se os «nervos» começam a comportar-se de maneira estranha, até mesmo as pessoas de bom génio «perdem a cabeça» e se irritam facilmente. A verdade é que não pode controlar nem tem culpa desse mau génio. Os culpados são os nervos!

COMO ACTUA O SANATOGEN

Dos processos de crescimento e actividade normais das células nervosas depende o funcionamento regular do seu sistema nervoso. Se as células não estão a receber toda a proteína e fósforo de que precisam, «morrem de fome». O Sanatogen fornece-lhes toda a proteína e fósforo que elas necessitam. Por isso o Sanatogen ampara o crescimento e desenvolvimento normal das células, facilita o bom funcionamento do sistema nervoso, suprime o cansaço e o esgotamento e restitui a energia nervosa perdida.

Recomendado pelos médicos

O Sanatogen é recitado por mais de 25.000 médicos estrangeiros aos seus doentes. Nenhum outro produto lhe pode dar o que o Sanatogen contém e ensaios clínicos sob supervisão e controle médico demonstraram que o Sanatogen melhora a saúde de qualquer pessoa. Por isso, experimente o Sanatogen.

Para todas as formas de «nervos»

Os «nervos» podem manifestar-se de várias formas: irritabilidade, insónia, depressão, preocupações exageradas, quebra de energia, cansaço permanente e até indigestão, por vezes. Sanatogen fortalecendo os seus nervos, ajuda-o a conquistar a «antiga forma» e a gozar a vida sem aborrecimentos.

Sanatogen

THE PROTEIN NERVE TONIC



Peça ainda hoje uma embalagem de Sanatogen na sua farmácia, ou para:

DIESE - Produtos Dietéticos, Lda.

Pioneiros em Nutrologia Social, Dietética Aplicada e Alimentação Racional

Rua Camilo Castelo Branco, 31-3.º - Telef. 730373 - LISBOA-1

Para a campanha Publicitária da v. Firma ou Produtos, a

PAET

tem exclusivos em todo o Algarve

PUBLICIDADE ALGARVE & TURISMO
Apartado, 14 - LAGOS - Telefone 103

O Governo terá que intervir no abastecimento da população do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

aqueles que podem vir a ser prejudicados por esses benefícios.

Todos desejamos que o turismo aumente, dado que é riqueza hoje imprescindível, mas precisamos que se faça face às suas necessidades, sem prejuízos das populações onde esse turismo vai fazer-se. Assim penso que há absoluta necessidade de por todos os meios ao alcance do Governo intensificar a produção dos produtos essenciais: carne, peixe, hortaliças e frutas. Só o Governo pode fazê-lo e é mesmo ele que deve fazê-lo. Em minha opinião de colaboração com os Grémios de Lavoura, devem estabelecer-se prémios, ajudando as plantações de novas fruteiras, enfim estimulando corajosamente os que podem produzir, digo corajosamente, pois se não houver compensações que se vejam a produção não aumentará. Quanto à pesca, destacando para essa zona meia dúzia de barcos do arrasto costeiro para despejarem as suas pescas obrigatoriamente naqueles mercados, acabando com essas limitações de zonas e mercados. Finalmente proibindo a exportação de todo o peixe fresco para Itália mas vigiando para que não se faça negócio comprando-o aí e carregando nas praias do centro do País.

É imperioso que isto se faça urgentemente para haver abundância para o turismo e especialmente para que os preços daqueles produtos essenciais às populações que aí vivem e que precisam viver, não sejam os seus orçamentos desequilibrados desastrosamente.

PRISÃO DE VENTRE E MALES DE ESTÔMAGO

Tratam-se com Chá Laxativo Reis. Não exige dieta. Pacotes de 500 e 1050. Envia à cobrança: Farmácia Reis - Fuseta.

FABRICANTES

GRANDES NOVIDADES PARA A ESTAÇÃO CORRENTE

DIOR - FIBRAS - RÁFIAS
ORLON - PERLAPONT -
TWIST - DRALON - AL-
GODÔES, ETC., ETC.

SUCESSO NO FIO TRICOLON

Não compre sem confrontar as qualidades e preços dos nossos fios

AV. ALMIRANTE REIS, 4-1.ª FRENTE

LISBOA-1

Peçam amostras grátis

Enviamos encomendas à cobrança



BRISAS DO GUADIANA

Apontamentos

A propósito do arranha-céus de Monte Gordo

Já os leitores se deram ao trabalho de meditar no que será um hotel de dezasseis andares em Monte Gordo? Nas largas perspectivas que no plano estético abrirá à linda praia e a toda a região sotaventada? Será talvez, de início, enquanto outros mais altos não surgirem, uma nota característica, como por exemplo (salvas as devidas proporções monumentais e históricas), a Torre de Belém para Lisboa, a dos Clérigos para o Porto, a Eiffel para Paris ou a de Pisa, para Pisa. Sobretudo, será uma importante arrancada para a fase de decisivo progresso que em Monte Gordo se anuncia. E será, ainda, uma gota de água no oceano das necessidades hoteleiras do Algarve, quando o aeroporto, a ponte sobre o Tejo e a ponte do Guadiana esboçarem as respectivas tarefas de canalizar gentes para a nossa Província. Agora, falta ver quando poderá o hotel dos 16 pisos começar a ser construído.

Arranjos na Estrada da Mata e valorização do Parque de Campismo

É-nos agradável registar que estão sendo feitas reparações na Estrada da Mata, cobrindo-se as covas e equilibrando os desníveis existentes.

No Parque de Campismo, ainda frequentado, apesar da proximidade do Inverno, por dezenas de campistas, com predominância de alemães e ingleses, foi já concluída a nova cantina, composta de duas espaçosas dependências, que em breve começará a ser utilizada.

Os serviços de recepção do Parque, antes instalados numa pequena sala sem condições, passaram a funcionar, decerto bem mais eficazmente, no mais amplo local da antiga cantina.

Atravindo anualmente ao Algarve milhares e milhares de adeptos do campismo, de variadíssimas procedências, que daqui retiram encantados e vão para as suas terras referir a outros o tempo agradável que nele desfrutaram, o excelente recinto, a par de apreciável fonte de receita camarária, tornou-se num dos melhores cartazes de propaganda da região, bem merecendo tudo quanto ao Município seja possível fazer no sentido de mais o valorizar.

Um passeio pela Avenida da República e os comentários que sugere

De um vila-realense que se diz amigo, recebemos a seguinte carta:

Meu caro cronista:

É você um contrêrâneo simpático e amigo e por isso me permito usar esta liberdade de tratamento que espero, não o molestará.

Há muito que estou para escrever-lhe; porém, afazeres de ordem vária, têm-me impedido de converter em realidade esta já longa pretensão.

Agora, se me dá licença, convidoo para irmos dar uma volta até à nossa linda Avenida da República. Quer vir? Começemos, então, pelo lado Norte:

Nas traseiras do velho quartel da Guarda Fiscal, ali existente e fronteiriço à Fábrica de Sapatos, há um bocão de terreno de cultura, sem qualquer resguardo e com um aspecto feíssimo. Não lhe parece que seria de toda a conveniência um entendimento entre a G. F. e a Junta Autónoma no sentido de esta dispor, também naqueles terrenos, uma cobertura de pitósporos como a que existe no prolongamento da avenida, naquele lado e até junto das instalações da referida Junta?

Continuemos o nosso passeio: mais adiante encontramos uma exposição de carros velhos, autêntica sucata, em frente da Auto-Avenida. Por que consequência semelhante exposição de sucata num local tão concorrido? Aquela firma não terá local suficiente nos seus armazéns ou em qualquer outra parte, para guardar a sucata que adquire, sem necessidade de a expor publicamente? Além disso, as disposições camarárias não serão suficientemente explícitas, proibindo estes casos?

Agora, última novidade na terra: o novo «pangaio» do Banco Português do Atlântico. Parece-lhe bem, sr. cronista, que as nossas autoridades tenham consentido a instalação daquela barraca e que aquele Banco, que actualmente desfruta no País de uma situação privilegiada, não tenha relutância em exportar inestético «estojo», numa arteria tão movimentada e mesmo em frente da fronteira, entrada e saída de nacionais e estrangeiros? Já não bastavam a velha «casinha do porto» e a velhíssima barraca da Saçor, esta arvorada em armazém do jardineiro?

Seria bem melhor ter-se continuado com as barracas dos esteiros que havia, avenida fora. — Porque se batulhou tanto para o seu desaparecimento se, passados alguns anos, estamos voltando à primeira forma? O prestígio da nossa terra exige que aqueles autênticos «mamarrachos» desapareçam de vez e que ninguém mais se

lembre de instalar ou consentir na instalação de semelhantes barracas.

Mais adiante temos, na divisória entre os jardins «Dr. Vargas» e «Sr. Adragão», um renque de arbustos com uma enorme falha, de uns palmos, a qual está servindo com muita frequência, para mictório de rapazes e mesmo de alguns adultos, que eu próprio já tenho visto, de noite. Aquela falha de arbustos esteve tapada com tojos, arame e uns paus; mas agora voltou a ser aberta. Não compreendo bem por que motivo voltámos a ter ali uma reminiscência das velhas «Salgadinhãs»...

Depois, na divisória dos jardins «Sr. Adragão» e «Sr. Matias Sanchez», temos um espaço onde se encontra instalada a guarita da G. F., espaço sempre sujo, em nível mais baixo que o dos jardins e com um aspecto miserável. Não seria possível chamar a atenção das nossas autoridades para tal facto? O dispêndio, para se dar ao local um aspecto decente, deve ser bem insignificante.

Há muito tempo que o reservo para uma próxima carta, no caso de esta merecer a sua habitual boa atenção. Não quero ser massador, porém, se me permite, ofereço-lhe a minha colaboração naquilo que possa resultar de utilidade para a nossa querida terra.

Não fica mal a mim, em ser bibliasta e, com termos a dispensando a devida atenção aos assuntos, vemos que, felizmente, as nossas autoridades, têm procurado atender, na medida do possível, aquilo para o que a sua atenção é chamada.

Nada mais por hoje. Os meus cumprimentos.

Um vila-realense amigo

Após lermos a missiva fomos dar uma vez mais, e só, a volta para que o nosso amável correspondente epistolamente nos convidou, tendo chegado às seguintes conclusões:

O «velho quartel da Guarda Fiscal» é nem mais nem menos que o antigo e já «reformado» posto do Pinheiro, cujo desmantelamento está previsto, não sabemos para quando. Ojalá ele não tarde e seja acompanhado da limpeza e arranjo do local, que bem se justificam.

Em frente à Auto-Avenida, vimos, há semanas, dois veículos, um realmente de aspecto mais assustado, outro menos assustado. Agora, só lá vemos um, o menos assustado. Embora com dois veículos apenas não pudesse organizar-se a citada «exposição de carros velhos», concordamos em que aqueles de forma alguma aumentavam a beleza da Avenida, nem o prestígio da Auto-Avenida.

A modestia do novo «pangaio», «estojo», «mamarrachos», etc., como o nosso correspondente lhe chama, do Banco Português do Atlântico, não acompanha, de facto, a importância do local em que se situa, nem está de harmonia com a projecção do próprio Banco que representa. Não sabemos se se trata de instalação provisória, se definitiva e pensamos que, sendo definitiva, poderia muito bem ser substituída por coisa mais sólida e apresentável. A velha «casinha do porto» e ao que de desprestigiante constitui para a Avenida e para a terra, já por mais de uma vez nos temos aqui referido.

O mictório em pleno jardim é fruto da falta de instalações sanitárias, que cremos, está em vias de ser solucionada. É este apenas o motivo da «reminiscência das velhas Salgadinhãs», de má memória. A supressão da falha nos arbustos do jardim, transformada em mictório, evitará decerto o espectáculo naquele concorrido sítio, ainda que o não possa evitar sob o vizinho, e bem visível, «cais das rainhas», onde decorre em muito mais larga escala. Também não estaria de mais, nem resultava caro, o arranjo do trecho onde se situa a guarita.

E aqui tem o «Vila-realense amigo» o que se nos oferece dizer-lhe. Não sabemos em que consistirá a colaboração que nos promete, mas estamos certos de que sabe continuar o Jornal do Algarve à disposição de quem se lhe dirija, apontando com justiça e honestidade o que mereça crítica.

Os atrasos do comboio-correio

Na quarta-feira assistimos, por acaso, à chegada do comboio-correio à Vila Pombalina. Cansado de uma longa noite de viagem, apareceu-nos com oito atrelados de mercadorias e uma hora de atraso. Talvez por nada entendermos do assunto, logo relacionámos uma coisa (os atrelados), com a outra (a hora de atraso)... Acertáramos? — S. P.

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, rua de Santo António, 14.